

NYPL RESEARCH LIBRARIES

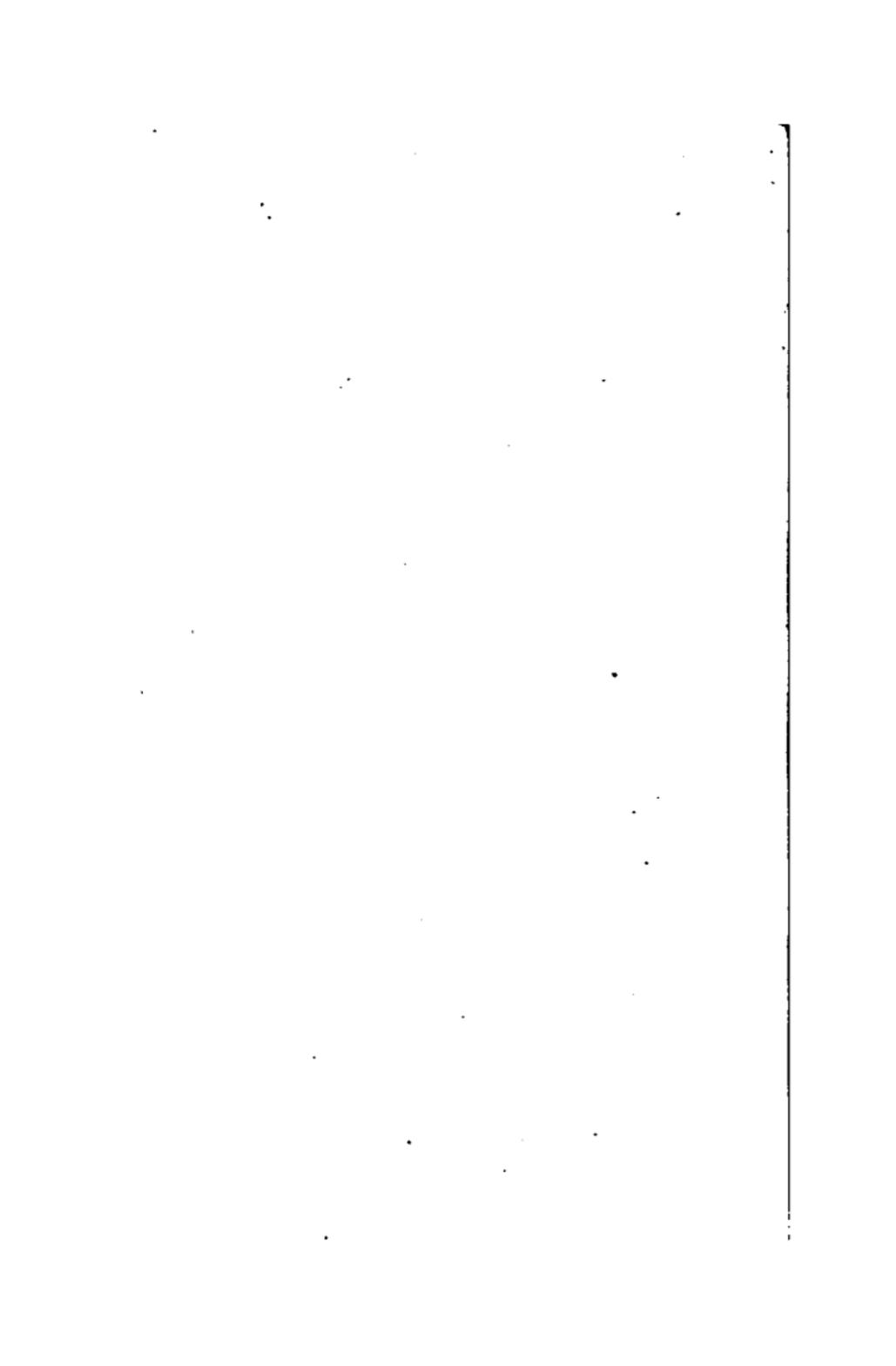


3 3433 07437855 9



NQG
Collecti

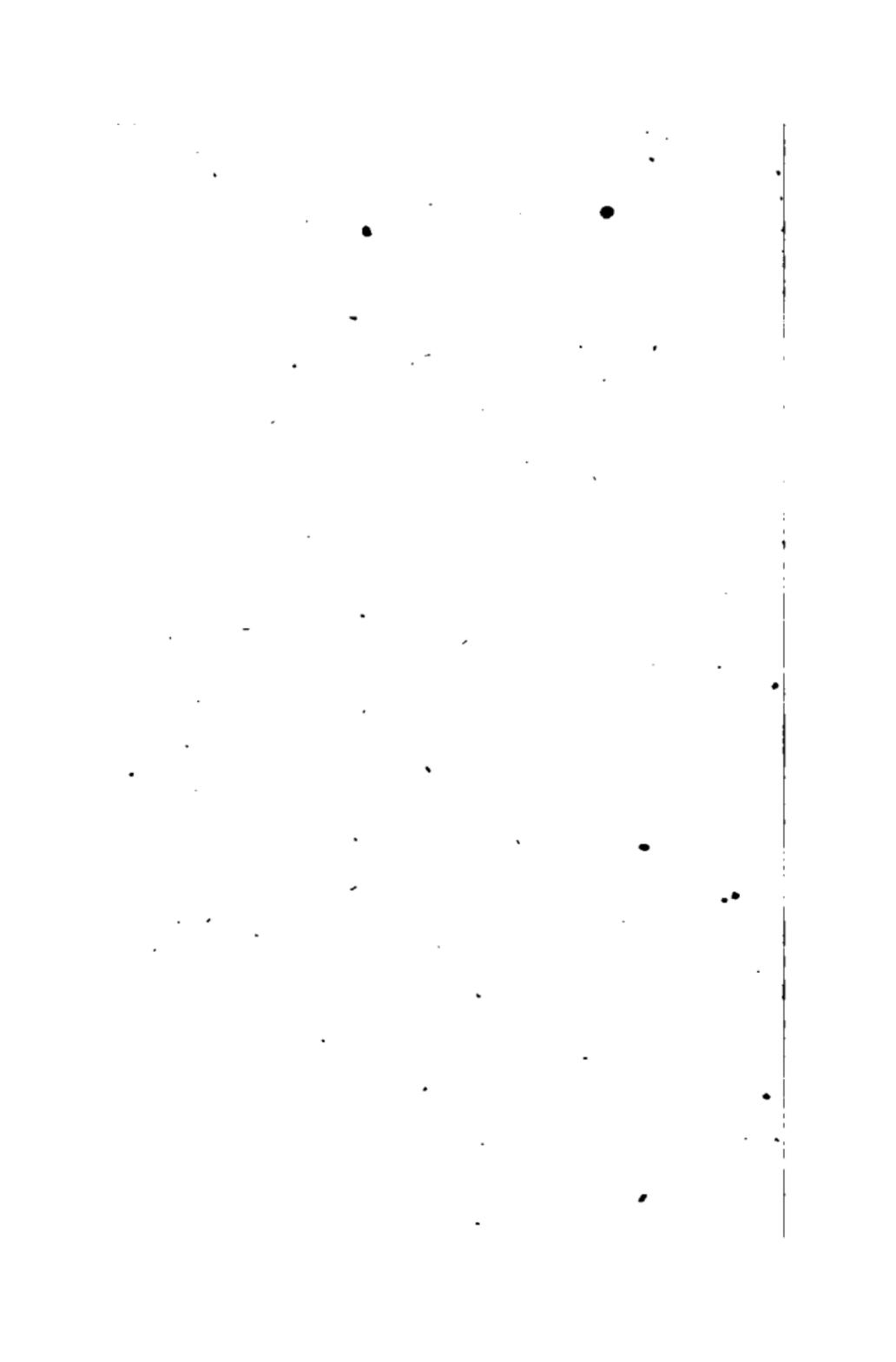




✓ 2

NAG

Collection



COLLECÇÃO
DE
POESIAS INEDITAS
DOS
MELHORES AUTHORES
PORTUGUEZES.
TOMO II.

LISBOA 1810.

NA NOVA OFFIC. DE JOÃO RODRIGUES NEVES.

*Com Licença da Meza do Desembargo do
Paço.*

4V

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

321228B

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS

R 1945 L

Divã de Pôrto Galvão 3.º Abril 1945 3 vols.

S A U D A Ç Ã O

A R C A D I A .

I.

EM fim eu vos saúdo,
O' campos delectosos,
Vós, que á nascente Arcadia em grato estudo
Brotando estais os leiros mais frondosos
Eu vos vou descobrindo
Bellas estancias do Pastor Termindo.

II.

Já sinto que respire
Huma aura em vós suave
Orfeo pulsa de novo a doce lira
Ouve Thebas de novo o plectro grave
Seu número he mais terno,
Que o que mazon ergueu, pareu o Averno.

III.

Que pastores tão novos
 São estes, que vos pizão,
 Como entre tristes, e grosseiros póvos,
 De nova gala os campos se matizão;
 Quem fórma estas cadencias?
 Quem produz tão mimosas influencias?

IV.

Se os olhos me não mentem,
 Os venturosos nomes
 Gravados nestes troncos já se sentem,
 Tu tempo gastador, os não consumes
 Driario aqui diz este
 Nimfeo diz outro, aqui diz outro Eureste.

V.

Na mais copada faia
 Abrio o ferreo gume
 O nome de Termindo, o Sol que raia,
 Aqui bate primeiro o claro lume,
 Elle o vê, elle inveja
 Eterno o nome, eterno o tronco seja.



VI.

Ah se da gloria vossa
Pastores cá me vira
Tão digno, que na bella Arcadia nossa
Igualmente meu nome se insculpira.
Entre a série preclara
De Glauceste a memoria se guardára.

VII.

Mas onde irá sem pejo
Collocar-se atrevido,
Quem longe habita do sereno Téjo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenas
Do pátrio Ribeirão respira apenas?

VIII.

Sim, vosso cáro abrigo,
Pastores, póde tanto,
Que despertando do silencio antigo,
Erguer bem posso sem vergonha o canto:
Com vosco está Glauceste
Com vosco faz soar a flauta agreste.

S O N E T O.

Não he mais rara, que hum sincero amigo
 Essa ave estranha, que na Arabia vôr
 Falla-se della, mas não ha pessoa,
 Que a visse neste ou no tempo antigo.

Em quanto do Ceo tens risonho abrigo
 Este e aquelle de amigo o nome entôa;
 Mas hum depois não ha, que se condôa
 Se chegas a cahir n'algum perigo.

Finalmente verás que de milhares
 De exemplos semelhantes se reveste
 A estavel terra os movediços mares.

— Por fabula terei Pilade, e Oreste;
 E tu que amigo verdadeiro achares,
 Dize que a Fenis encontrar soubeste.

S O N E T O .

SE alguém duvida, que a belleza influa
 Por virtude, a que chamão sympathia,
 Veja, em minha mortal melancolia,
 Quanto pôde comigo Delia crua.

Delia mais vária que a triforme lua,
 Porém mais bella do que a luz do dia;
 A quem inda depois de cinza fria
 Seguirá de minha alma a sombra nua.

Mas em vão seguirá, que a dôr não cabe
 Supposto que dos rogos se incomode,
 Em quem talvez do seu rigor se gabe.

Fujamos, pois que o Ceo benigno acode,
 Não de amor, que fugir-lhe ninguem sabe,
 Mas de Delia com quem Amor não pôde

S O N E T O.

O Xalá, que constasse á gente toda
 Teu falso proceder, vária fortuna,
 Qual te vio sobre sólida columna
 Da Grega estirpe, da Roman, da Goda!

Já n'hum pobre tugurio se accomoda
 Quem pendeo de magnifica tribuna;
 Gemendo vai debaixo da importuna
 Miséria o. mesmo, que se alçou na roda.

Quando o tempo virá, que esta mudança,
 Que fazes, ninguém tema, pois devia
 Desterrar a rasão tão vil usança.

Triste daquelle, qu'inda em ti confia,
 Depois de gasta toda a vida em esperança,
 Não dura o teu favor mais do que hum dia.

S O N E T O.

N As profundas entranhas de hum rochedo,
 Huma gruta formou a Natureza
 De tão triste tão funebre asperiza,
 Que ao monstro mais feroz causára medo.

Alli passava Almeno o seu degredo,
 Moastro de Amor, imagem da firmeza
 Sem ter mais sociedade, que a tristeza,
 Nem outro emprego mais que o seu enredo.

Se da passada lida o adormecia,
 No tumulto dos ais o despertava
 O continuo rumor da fantasia.

A rocha sempre em lagrimas banhava,
 E quanto nella o pranto desfazia,
 Tanto nella a firmeza fabricava.

S O N E T O.

O Semblante risonho, e engraçado
 Me voltou a suavíssima alegria,
 Nas crucis mãos da horrída agonia
 O afflicto coração sinto apertado.

A medonha tristeza vejo ao lado
 Fazer-me acerba, e horrível companhia,
 E até sinto vagar na fantasia
 A triste imagem do meu doce estado.

Com seu pesado braço a desventura,
 Descarregando em mim golpes violentos,
 Me vai levando á fria sepultura.

Que tristes, que horrorosos pensamentos!
 Eu vejo a morte envolta em nevoa escura,
 Mas não chega a pôr fim aos meus tormentos.

M A D R I G A L.

M Ariposa inconstante
Que namoras a rosa, a violera,
E com vontade inquieta
A toda a flor te offereces fino amante,
Vai, leva essa meiguice
Longe destas campinas lealdosas,
Que póde vir Almeno; e se te visse
Render tantas offrendas enganosas,
Te imitaria a erratica ternura,
Desleal a Delmira, á fé mais pura.

Francisco Manoel do Nascimento.

E P I C E D I O

A huma Senhora moribunda.

Justos Ceos, que funebres imagens,
 Me cercão horrorosas!
 Huma palida mão ensanguentada
 Me rasga o triste peito,
 Que vejo! Pois me sinto encher de susto,
 E de pavor banhar-me.
 Tremer-me o corpo todo, em accidente
 Voltar-se o alegre rosto;
 Porém de que me admiro a triste imagem
 Me representa a idéa
 Da minha Lidia bella, a Lidia amada,
 Causa dos meus suspiros;
 Quem trôcou teu semblante, que era throno
 Da mesma formosura,
 Em tão medonha fórma, e te arrancou
 Do corpo a doce vida
 Ah! Lembranças cruéis affugentai vos
 Da minha fantasia
 Eu julgo agora mesmo estar propinquo
 Da minha cára Lidia
 Como estive, ai de mim! Ao mesmo tempo
 Que a Parca inexoravel;

Com fria mão , do corpo lhe arrancava
 A alma preciosa.
 Eu afflicto então vi aquelles olhos ,
 Que a tantos morte dêrão ,
 Tornar-se de formosos e brilhantes ,
 Frôxos e denegridos.
 Eu vi os seus beijos rubicundos ,
 Das delicadas rosas
 O mais proprio retrato. ; transformar-se
 Na côr triste e magoada
 Das rôxas violetas. Eu as vozes
 Ouvi intercidentes
 Eu vi , eu vi os braços delicados ,
 Com movimento languido ,
 Estar lançando a huma , e outra parte
 E ora c'o direito
 Amparar o semblante descorado ;
 Ora c'o esquerdo
 Da descomposta cama estar pendente
 Afflicta e inquieta ,
 Mil voltas dando ja c'o fraco corpo ,
 Na ultima agonía.
 Eu senti , eu senti arrelecer-lhe
 E os ultimos arrancos . . .
 Mas ai ! Piedosos Ceos , ai ! Que eu não posso
 Narrar o parocismo.

S O N E T O .

Alberto lavrador que semeava
Sua terra no tempo que devia,
Quando em fim o seu trigo recolhia,
Feitos os gastos nada lhe ficava.

Lidoro, seu visinho, que passava
Sem semear hum dia, e outro dia,
Tão felizmente o anno lhe corria,
Que d'hum para o outro o trigo lhe chegava.

Albérto lhe observou a subtileza,
Semeou como Lidoro, mas coitado
Nem assim lhe ficou livre a despeza.

Desenganou-se, foi vender o gado;
Porque he loucura procurar riqueza
Quem nasceo para pobre, e desgraçado.

SONETO.

Que escura sombra os olhos te entristece,
 Do affadigado peito remettida ?
 Verte-a, meu bem, nesta alma á tua unida ;
 Mingúa a dôr, se em dois peitos se padece,

Quando a turvada chéa em forças creste,
 Do ameaçador estrago entumecida,
 Se o lavrador a corta, repartida
 Os ameaços quebra, e desfalece.

Não mais, me tenhas a alma suffocada ;
 Que he mór a dôr, qual tão suspeito agora,
 Do que ha de ser em mim depositada.

Não cresças o pesar a quem te adora.
 Assaz lhe dóe, ó Marcia, a séta hervada,
 Que o ciume arrojou com mão traidora,

Francisco Manoel do Nascimento.

O D E

Em hama doença do Author.

DE agudos tormentos rodeado,
Os frôxos olhos levantar mal posso,
O debil peito, com trabalho, exhala
Amargosos suspiros.

A cruél dextra do meu destino aváro
Promette aos Deoses estalar soberba,
Entre a roça fugaz do tempo aváro,
O meu ultimo dia.

Ah! Marilia gentil, que vão murchando
Os viçosos prazeres de algum dia,
Os doces risos, os agrados meigos
Já pálidos desmaião.

Vejo cahir das mãos do desengano
Engelhadas as verdes esperanças,
Em que os nesses desejos pasteavão
A devorante fome.

Eu vejo a morte, sobre hum negro carro,
Que arrojão seis mirrados esqueletos,
Erguendo o braço meneando a foice,
Para mim se encaminha.

Ah! cáro Seixas, corre o paño á scena,
Levanta a personagem desvalida,
Quebra os votos á sorte, e Atropos dura
Ache inuteis seus passos.

De mim arranca envelhecidós males,
Purifica este sangue, que empéstaráo
As bebidas, que Venus nós offerece
Por suas taças d'oiro.

Se os Filósofos rirem do meu susto,
Eu rirei dos Filósofos, que ostentão
Largar na urna do destino aváro
O mesmo que mais amão.

Q U A D R A.

Que importa mudar de terra,
E baldados passos dar,
Se a toda a parte onde os volto
Vai comigò o meu penar.

G L O S A.

I.

N Estes funebres lugares,
Só de leões berço duro,
Ainda em silencio escuro
Gemem nocturnos pesares:
Foragido aos pátrios láres
Rude campá Alcino encerra,
Por estranhos climas erra,
Nelles achou sepultura;
Sem se mudar de ventura
Que importa mudar de terra.

II.

Com irado aspecto o vio
Alecto quando nascia
Não teve hum alegre dia
Nunca a sorte se lhe rio
Supplicou, soffreo, servio
E seus prémios vio roubar
Jaz neste escuro lugar
Depois de tanto soffrer,
De inutil pranto verter,
E baldados passos dar.

III.

Ah! que dos olhos de Alcino,
 O lume que hia espirando
 Foi para os meus repassando
 Agoiro do seu destino;
 Desde este influxo maligno,
 A luz, que dos olhos sóto
 Leva tal desastre envolto,
 Que até chega a infestar
 Não sei se este só lugar,
 Se a toda a parte onde es vólto.

IV.

Em serena paz descança
 Já hoje o ditoso Alcino
 Sem temer vário destino,
 Nem duvidosa esperança;
 Só eu infeliz mudança
 No meu mal não posso achar,
 Se vou para hum lugar,
 Geme a saudade comigo,
 Se procuro em outro abrigo,
 Vai comigo o meu penar. —

IDILIO
NATALICIO.

Hoje quando a madrugada
O véo das nuvens rompia,
Cupido as azas batendo
Os puros ares fendia.

II.

Vinha o Nume commandando
Aláda tropa de amores,
Que espalhava pelos ares
Espessas nuvens de flores.

III.

Ventus a tropa seguia,
Sobre a concha prateada,
Cheia de flores mimosas
Por alvas pombas tirada.

IV.

Trazia comsigo as graças ,
Festões de flores formando ,
Com as quaes jasmims , e myrtos
Hião sempre misturando.

V.

A's fulvas margens do 'Téjo
Pouza Amor , e Venus bella ,
Onde elle postando a tropa ,
Foi tomar as ordens della.

VI.

Venus então apertando
O cáro filho entre os braços ,
Sahe com as Graças da concha ,
E segue de Amor os passos.

VII.

Alinhada a tropa toda ,
Carrega-se a artilheria ;
Soão vivas , e descargas
Em applauso 'deste dia.

VIII.

Depois disto a voz soltando
Amor com doce transporte,
Beija o estandarte, a arca
Falla o Nume desta sorte.

IX.

„ Este dia he consagrado
„ Da formosa Aonia aos annos,
„ Memoravel fique sendo
„ Para sempre aos Lusitanos.

X.

Eis soão novas descargas
Acaba Amor de fallar,
E segunda vez mil vivas
Sobem alegres ao ar.

XI.

Pede então Venus ao filho;
Que descance o batalhão;
E á voz de Amor os Amores
Largão as armas da mão.

XII.

Pelas praias salitrosas
Entrão todos a correr,
Nos saltos alternativos
Dando signaes de prazer,

XIII.

Huns, com doirados farpões,
Escrevem na loira arêa
O nome de Aonia bella,
Que he de mil encantos chêa.

XIV.

Outros do Têjo se lanção
A's mansas aguas serenas,
Já mergulhão, já sacodem
Das brancas azas as pennas.

XV.

Sentados na fulva praia,
Muitos destes Cupidinhos
Aos que mergulhão nas aguas
Atirão lizos seixinhos.

XVI.

Em quanto a tropa de Amor
Na praia lèda brincava,
Venus das Graças cercada
A seu filho assim fallava:

XVII.

„ Tu, filho meu, que a teu jugo
„ Tens povos mil sujeitado,
„ Sem te escapar aureo sceptro
„ Nem tosco duro cajado;

XVIII.

„ Nunca jámais neste dia
„ Te mostres contra os humanos,
„ Neste dia só te ordeno,
„ Que louves de Aonia os annos.

XIX.

Assim fallou Venus bella;
E para a concha subindo,
Com as Graças velozmente
Vai os ares dividindo.

XX.

Ao sinal do Commandante
Soão festivos tambores,
E de improviso se alinha
O batalhão dos Amores.

XXI.

Nisto as azas desprendendo
Cruza a tropa os densos ares,
E de Amathunta no templo
Foi, Aonia, erguer-te altares.

XXII.

Ah ! Praza aos Ceos, que mil vezes
A teus pés calcando o vicio,
Da Ventura ao lado, contes
O teu dia Natalicio.

XXIII.

Praza aos Ceos, que sempre bella,
Sempre da Sorte querida,
Gozes cheia de prazer
Os recreios desta vida.

O D E.

A Dore embora o chapeado cofre.
• O sórdido avarento :
Nos campos de Mavorte se esclareça
O affrontoso guerreiro :
O azul tridente de Neptuno affronte
O Nauta destemido :
Que eu só anhélo, Marcia, nos teus braços
Gozar suave nectar.

S O N E T O.

TU não ouviste, Amor, na despedida,
Como Delmira ser fiel me jura?
Que protestos! Que fé constante, e pura
Me não promette aquella fementida!

Tu viste os prantos, viste a côr perdida;
Soluçar, desmaiar de ancia, e ternura;
Segurar, que ainda além da sepultura
Leal me guardaria a fé devida.

„ Do Ceo, dizia, o lume fulminante,
„ A vida, a indigna vida, sem piedade
„ Me consuma, se falto a ser constante. „

Ah! Pasma, Amor, da torpe deslealdade!
Vem. Vê Delmira em braços d'outro Amante,
Vem. Apprende esta nova falsidade!

Francisco Manoel do Nascimento.

QUADRA.

Eu vendo o meu coração.
 Bem barato na verdade,
 E não ha quem lance nelle
 Hum real de lealdade.

G L O S A.

I.
JA' cansado de soffrer
 Desprezos, e tyrannias,
 Com que Amor todos os dias
 Me trata por me offender;
 Amante não quero ser
 Por fugir á ingratição,
 E para que tentação
 Não tenha outra vez de amar,
 A quem mo quizer comparar
 Eu vendo o meu coração.

II.

Vendo-o, mas não por dinheiro,
 Por lealdade he que o vendo;
 Negocio este, que entendo
 Não prejudica a terceiro:
 He coração verdadeiro,
 Cheio de fidelidade;
 Mas pela infelicidade
 Grande com que sempre amou,
 A quem mo comprar o dou
 Bem barato na verdade.

III.

Quero ficar descansado
 Izento de querer bem,
 Livre de aturar a quem
 Sempre me trouxe enganado;
 Porém sou tão desgraçado,
 Que por mais que ande com elle,
 Sabendo deste, e daquelle,
 Se o quero comprar então
 Todos me dizem que não,
 E não ha quem lance nelle.

IV.

Esta a misera figura,
 A que vejo reduzido
 Hum coração, que tem sido
 Vivo exemplo da fé pura:
 He tal sua desventura,
 E minha adversidade,
 Que em tanta necessidade
 Comprador não acho, que
 Ao menos por elle dê
 Hum real de lealdade.

QUADRA.

Meu amor será eterno ,
 Minha fé não terá fim ,
 Se he preciso juramento
 Desde já digo que sim.

G L O S A.

T I
 Endo Filinto immolado
 Aos Deoses da Estigie féa ,
 Lá c'o a Sibilla Cuméa
 Desceo de loiro coroadô ;
 „ Numes , diz , do Orco enlutadô ,
 „ Que o juramento superno
 „ Sustentais no lago Averno
 „ Venho ante vós protestar ,
 „ Que tendo a alma eterno amar ,
 „ Meu amor será eterno.

II.

Da gentileza mimosa
 „ Não dou só culto aos altares ,
 „ Amo as graças singulares
 „ D'huma alma inda mais formosa :
 „ A fé , de amor duvidosa
 „ Firmar nestas aguas vim ,
 „ Vibre embora contra mim
 „ A morte a foice fatal ,
 „ Como eu amo o immortal ,
 „ Minha fé não terá fim.

III.

Pela Estigie paludosa
 O voto sou de Orfeo,
 A Esposa se entristeceu,
 Suspirou Dido invejosa:
 A Sibilla cautelosa,
 Como o Lethes somnolento
 Causar usa esquecimento;
 Lembra a Filinto o jurar,
 Porque podia ignorar
 Se he preciso juramento.

IV.

Chegou ao lago onde estão
 As fôrmas das mortas rezes,
 Marilia chamou tres vezes,
 E metteo ousada a mão
 „ Para que não seja em vão,
 „ O voto que fazer vim,
 „ Nem c'o a morte tenha fim,
 „ Por este lago sagrado
 „ Juro que será guardado,
 „ Desde já digo que sim.

Q U A D R A.

Teu nome escrevi na arêa,
 Que banha o visinho mar;
 Eu vi as ondas pulando
 Virem teu nome beijar.

G L O S A.

I.

DEixaste a praia arenosa,
 Laura, a vida aos mares dando,
 E eu te fui acompanhando
 Com vista longa, e saudosa;
 Quiz chamar teu nome, e anciosa
 Voz com os suspiros se enleia,
 Corta as letras, titubêa,
 E não podendo dizê-lo,
 Por me consolar em lêlo
 Teu nome escrevi na arêa.

II.

As letras se levantavão,
 E as Graças as defendião
 Das lagrimas que chovião,
 Dos suspiros, que sopravão;
 Os Amores as guardavão,
 Mal que o Ceo vião toldar,
 E eu vi teu nome ficar
 Como em bronze indissolvel,
 Na mesma arêa voluvel,
 Que banha o visinho mar.

III.

Venus, que do mar brotou,
 E alli vê teu nome erguido,
 De inveja o peito incendiado
 A Eólo se pranteou;
 Logo o Deos desencerrou
 Os ventos, que vão bramando
 C'o as cheias boccas soprando,
 Vão mil furacões na praia,
 E qual mais ao longe saia
 Eu vi as ondas pulando.

IV.

Amor, que honra o nome teu,
 E até aos Numes dá pena,
 A Neptuno, e a Eólo ordena,
 Que o respeitem, mais que o seu;
 Neptuno logo estendeo
 O tridente sobre o mar,
 Fez Eólo afferrolhar.
 Os ventos tempestuosos;
 Eu vi ambos respeitosos
 Virem teu nome beijar.

Q U A D R A.

Hum coração só não póde
Soffrer tantas semrasões,
Ou me dá menos pezares,
Ou me dá mais corações.

G L O S A.

I.

LA' da urna, que sustenta
A lethifera cohorte,
Dos males tirou a sorte
A dôr, que a alma me atormenta:
Rogo a Amor, que a magoa augmenta,
Que a hum fragil peito accomode,
Ah que morro, ah não me acode,
Não me valem ais, nem pranto;
Morrerei, que soffrer tanto
Hum coração só não póde.

II.

Irei a agua denegrída
Rasgando em limosa barca,
Saber porque a injusta Parca
Fiou tão infausta vida:
Das furias na espavorída
Face, que atterra os leões,
Indagarei as rasões
Da lei iniqua, e cruel;
Porque ha de humna alma fiel
Soffrer tantas semrasões.

III.

Do Averno arbitro supremo
 Eu sou o infeliz Dorindo,
 Este infausto nome ouvindo
 Acheronte, larga o remo;
 Soffro innocente, e não temo
 Quantas penas decretares;
 Mas se ha nos teus impios lares
 Justiça, ou me dá valor
 Para soffrer tanta dôr,
 Ou me dá menos pezares.

IV.

Ao som do magoado grito
 Mil sombras vans me acenarão,
 E as aguas mais se turbarão
 Do empestado Cocito:
 „ Nume, instei, se o meu delicto
 „ Vem de innocentes paixões,
 „ Com sobejas afflicções
 „ O espiai, e se he pouca a pena,
 „ Ou a morrer me condemna,
 „ Ou me dá mais corações.

QUADRA.

O meu coração de zelos
Sinto já desfalecer,
Vão-se acabando os meus dias
Ninguem me póde valer.

G L O S A.

I.

Servi com puro querer
Ninfa, que me foi roubada,
Reciproca fé jurada
Violou barbaro poder;
Sustentava a vida em ver,
 Bem que ao longe, huns olhos bellos,
Mal que me negarão vê-los
Vou-me sentindo acabar,
E mudamente estalar
O meu coração de zelos.

II.

Os olhos se vão sumindo,
As faces amarelescem,
Os inertes queixos descem,
Vão-se os beiços denegrindo,
Fria lagrima cahundo
Sinto o rosto humedecer;
Busco a luz não a posso ver,
Quero andar não reço os passos,
Gélão-se as mãos, e os braços
Sinto já desfalecer.

III.

Já a fatal, e annosa Parca,
 Abre a tizoira estridente,
 E hum curto fio sómente
 Entre longas têas marca;
 Acheronte chega a barca
 Para áquem das margens frias,
 Vejo famintas arpias,
 Que de longe o ar infestão;
 Poucos momentos me restão
 Vão-se acabando os meus dias.

IV.

Caso tão desventurado
 Já desde o espaço infinito,
 Foi pelo destino escrito
 No escuro livro bronzeado;
 Nem o imperio a Jove dado,
 Póde o destino volver,
 Nem ferreo braço soste,
 Vai-te, esperança, eu bêm sei,
 Que depois de escrita a lei
 Ninguém me póde valer.

Q U A D R A .

A causa porque eu suspiro
 Não a posso declarar ,
 Os segredos de meu peito
 São motivos de eu penar. ♣

X G L O S A .

I.
S Eu thesoiro Amor abriu ,
 E huma Ninfa appareceo ;
 Que esta alma isenta rendeo ,
 E a todo o mundo que a vio ;
 Porém Amor mal que ouvio
 O meu primeiro suspiro ,
 No sacro , e escuro retiro
 De hum Nume me fez entrar ,
 Onde eu jurasse occultar
 A causa porque eu suspiro.

II.
 Era o Silencio este Nume
 De triste , e pêsado rosto ,
 Como quem calla hum desgosto ,
 Que as entranhas lhe consume :
 Hum só ai , hum só queixume
 Jámais se me ouvio formar ;
 Luz escaça , escuro altar ,
 Qual seja a tristeza , o medo ,
 Que infunde o Deos do segredo
 Não a posso declarar.

. III.

Fui ao Nume apresentado,
Elle a jurar me acenava,
Que a bocca lhe afferrolhava
Diamantino cadeado:
Foi-me o juramento dado
Nas mãos do austero Respeito,
Sacerdote ao Nume acceito,
Sem que os votos proferisse,
Só porque ninguem me ouvisse
Os segredos de meu peito.

IV.

Desde então se foi nutrindo
Callada chama nas veias,
Crêem-me livre de cadeias,
Choro, e pareço estar rindo:
Vêr da Ninfa o gesto lindo
O prémio he do meu amar;
Mas não lhe poder narrar
A paixão que o peito calla,
Nem poder deixar de amá-la
São motivos de eu penar.

QUADRA.

Verás os raios de Amor
Sobre a ingrata fusilar,
Hade a chama consumi-la
Mesmo Amor se ha de vingar.

G L O S A.

I.

Queixei-me a Amor de Lidora,
Chorando até o seu Altar,
Meu pranto incendeo o ar;
E esta voz sou cá fóra:
„ Verás punida a traidora,
„ Soffrendo o mal pago ardor,
„ E por lhe dobrar a dôr
„ Na cabeça, pés, e lados
„ Estalar affogueados
„ Verás os raios de Amor.

II.

Eis mil sétas abrasadas,
Os amores despedião,
Que horrisono som fazião
Humas por outras cruzadas;
Vi as nuvens pateadas,
Em basso chumbo trocar,
Ao longe ouvj trovejar,
E vi n'huns breves instantes
Mil coriscos crepitantes
Sobre a ingrata fusilar.

III.

Basta , Amor , disse eu , piedade ,
 Não ha culpa entre os humanos
 Em que os Deoses soberanos
 Vinguem toda a potestade :
 Saturno c'o as cans da idade
 Bastará para affligi-la ;
 Mas Amor , que iras scintila
 Enfurecido tornou ,
 „ Como a chama profanou
 „ Ha de a chama consumi-la.

IV.

„ Vivirá em pranto , e ais
 „ Té que as continuas , e ardentes
 „ Lagrimas deixem patentes
 „ No rosto os fundos sinaes ;
 „ Em penas , e ancias mortaes
 „ Ver-lhe-has a vida acabar :
 „ A honra do meu altar
 „ Não soffre outro vingador ,
 „ A offensa foi feita a Amor
 „ Mesmo Amor se ha de vingar.

Q U A D R A.

Dormindo estive sonhando
 Que me morrias , meu Bem ,
 Acordei pedindo a Amor,
 Que me matasse tambem.

G L O S A.

I.

JA' da noite a divindade
 O sceptro de chumbo alçava,
 E os viventes sepultava
 Em silencio, e escuridade:
 Eu, que em amarga saudade
 Passava o dia chorando,
 Adormecia, mas quando
 Repouso buscava á dôr,
 Com desastre ainda maior
 Dormindo estive sonhando.

II.

Sonhei, Marilia, que horror!
 Ver-te pálida espirando,
 De hum lado as Graças chorando,
 D'outro soluçando Amor:
 Seguida de ~~As~~, e temor
 A escarnada morte vem,
 Já erguida a foice tem,
 Estalar a alma sentia,
 Quando sem remedio via
 Que me morrias, meu Bem.

III.

Resoava o ferro abrindo
 Na dura terra o lugar,
 Que te devia occultar
 Para sempre ao teu Dorindo:
 Eu te via ir conduzindo
 Seguida de ais, e temor,
 Perdi de todo o valor,
 Chamo-te, louco te sigo,
 Que me sepultem contigo
 Acordei pedindo a Amor.

IV.

Amor, que de longe ouvia,
 E com meus ais se pagava,
 Já o pranto me enxugava,
 Já c'o as azas me cobria:
 Eu afflicto lhe pedia,
 Que me tornasse o meu Bem,
 E se elle vida não tem,
 Que a mesma morte mandasse,
 Que a minha fé coroasse,
 Que me matasse tambem.

S O N E T O.

POr Marcia o Deos de Amor, d'amor mor- (rendo,
 N'hum quadro sua imagem debuxava,
 E ao mais leve bosquejo, que lançava.
 Suavissimo canto hia tecendo.

De minha mãe as faces estou vendo,
 Dizia, quando as faces lhe pintava,
 Este esplendor no Sol invejas crava,
 Dizia, os lindos olhos descrevendo:

Eis as delicias do macio tacto,
 Pintando o peito diz, e ao alto pula
 Battendo a miudo as mãos, como insensato.

Torna a pintar quando huma voz ulula
 = He ingrato esse peito = ao som de ingrato
 Treme o quadro, a mão pasma, a voz tremula.

S O N E T O .

Marcia ! Marcia ! Meu Bem , ^{(enchente} que grossa
De prazeres pela alma se me espalha !
Oh ! Como ao verte , fuge , e se trasmalha
Dos pezares o turvo bando ingeate !

Não sou em mim. A alvoroçada mente
Soltar-se emprende, e a ti voar trabalha.
Acode Amor, no coração entalha
Vindouros gostos e o farpa ardente.

Hei de ser mais feliz. Sôpro divino
A idéa arrebatada me bafeja,
Já ouço a voz do oráculo benigno :

„ Terás Marcia , a pesar do Ciume e Inveja ;
„ Gozarás de seu peito allabastrino
„ Tens deos Amor no Ceo que te proteja .

Francisco Manoel do Nascimento.

O D E.

I.

DE seguir no alto monte
Fatigado as bravas fêras
Huma fonte,
Que toldavão verdes heras,
E bordava o fresco prado
De junquinhos,
De violas, de tomilhos,
A buscar baixo apressado,
Por matar a sede ardente,
Em a frigida corrente.

II.

Quando Amor que repousava
De Nigéla no regaço,
Despertava
C'o rumor, que ao passar faço;
Ergue o rosto, e ao ver que eu era
Quem buscando
Da fontinha o cristal brando
Sua doce paz lhe altera;
Torna o arco, que deitado
Entre a relva tinha ao lado.

III.

Huma sêta, cuja ponta
 Era d'oiro o mais brilhante,
 Nelle aponta
 Vôa o raio penetrante,
 E veloz me passa o peito.
 O Tyranno
 A ferida vendo ufano,
 Com hum riso contrafeito,
 Olha, diz, Pastor grosseiro,
 Se he Amor destro frecheiro.

IV.

E voltando-se a Nigélla
 Desta sorte continúa:
 Ninfa bella,
 A conquista será tua,
 A' tua ira, aos teus rigores
 Novo emprego
 Neste louco hoje te entrego;
 Morra em vão por ti de amores,
 Soffra, e cale o seu aggravo;
 Pois to entrego para escravo.

V.

Ai de mim, a deshumana
Tomou bem esta doutrina!

Pois tyrantia

O meu mal, minha ruína

Só deseja, só pretende

Improperios,

Crueldades, vitupérios,

O servi-la só me rende,

E de tão injusta sorte

Só livrar me póde a morte.

Antonio Diniz da Cruz e Silva

O D E.

I.

TUrva a chuva as claras fontes,

Que risonhas murmuravão,

E os ribeiros

Escumando cahem dos montes

As campinas alagando,

Que pouco antes lisongeirós

De mil flores esmaltavão

Frescos zefiros voando.

II.

Brama o Noto, e enfurecido
 Grossas naves revolvendo
 Em seu seio
 Nos esconde o Sol luzido
 Com estranha ligeireza
 Rompe a noite, e o manto feio
 Sobre os campos estendendo,
 Cobre os peitos de tristeza.

III.

Bella Eralia, em quanto irado
 Brame o Bolo, o Gen troveja,
 Nictileu
 E de Chipre o Deos vendado
 Seus prazeres derramando
 No teu peito, e peito meu,
 Da sua ira nos proteja,
 Torne o tempo alegre, e brando.

IV.

Entre as taças, que derramão
 Hum suave, e vivo fogo
 Os Amores
 Ardem mais, e mais se inflammão,
 Ao enxame dos desejos,
 Dos desejos brincadores,
 Livre o campo deixão logo.
 Brandas iras, falsos pejos.

V.

Eia pois não te demores,
 Vem Éralia entre meus braços,
 Nelles corôa
 O prazer nossos amores,
 Reine o gosto, e a alegria,
 Pois ou vente, ou chova, ou troe,
 Entre tão suaves laços
 He rosado sempre o dia.

O mesmo.

O D E.

L

JA' no Oriente
 D'alva a estrella
 Risonha, e bella
 De alegres luzes
 Coroadá a frente
 Na aurea carroça,
 Vem desfazendo
 A sombra grossa,
 Que a sêa noite
 Triste espalhou.

II.

Do alvo regaço
 Entre os esplendores
 Fragantes flores
 Lança em chuveiros
 O eburneo braço,
 E os passarinhos
 Com doces cantos
 Pellos raminhos,
 Estão saudando
 Seu resplendor.

III.

Neste almo dia
 Aglaia bella,
 Que avara estrella
 Desta ribeira
 Ha tanto havia
 Cruél roubado,
 C'os olhos bellos
 O verde prado
 Floridós montes
 Torna a alegrar.

IV.

Colhei amores
 Mirtos, e rosas,
 Colhei formosas
 Ninfas do Têjo
 Conchas, e flores,
 Ricas capellas
 Ledas tecendo
 Vinde com ellas,
 As tranças d'ouro
 Vinde ennastrar.

V.

Eu, que vos chamo.
Serei o guia ;
Assim dizia
Amor voando
De ramo , em ramo ;
Então ao prado
Veloz descendo ,
Hum delicado
De lindas flores
Ramo teceu.

VI.

E a mim voltando ,
Me diz : Elpino ,
Feliz destino
He hoje o teu ,
Parte voando ,
A' Ninfa bella
Leva este ramo ,
Dize , que a ella
Por ti lho envia
O mesmo Amor.

O D. E.

I.

Pois que o raivoso
Celeste cão
Como hum leão
Por fauces, olhos,
Chamas vibrando
Vem abrasando
A terra, e Ceo.

II.

Vem a meus braços,
Licóris bella,
E a féra estrella
Deixa que ladre,
Em raiva acceza;
Pois que a defeza
Já prompta está.

III.

Essa nevada
 Gran sorveteira
 Abre ligeira,
 Abre contente,
 Que dentro nella,
 O Ninfa bella,
 Tu acharás:

IV.

Das róxas ginjas
 A doce calda
 Do Sol que escalda,
 Ella defende;
 A fria neve,
 Que a cerca em roda,
 A congelou.

V.

Esta bebida
 Suave, e pura,
 Que na doçura
 Excede o neçtar,
 Que da amethista
 Offerece á vista
 A grata còr.

VI

Só domar póde
 Os seus furores,
 Bebe licores,
 Bebe, e com' ella
 Gostosa esfria
 Do ardente dia
 O vivo ardor.

O mesmo.

O D E.

I.

VEs, Lizio amado,
 Como branqueja
 C'ò a neve o prado,
 Vés como alveja
 Do calvo monte
 A crespá fronte?

II.

Como soprando
 O Noto frio
 Vai congelando
 O claro rio,
 E na floresta
 As plantas cresta ?

III.

Em vão forrado
 De mantas finas,
 Seu bafo irado
 Vencer destinas,
 Que o sopro agudo
 Penetra tudo.

IV.

De Baccho ardente
 A Ignea lança,
 O Inverno algente
 He quem amansa,
 Quem lhe faz guerra,
 E quem o atterra.

V.

Tristes cuidados
Da vida algozes,
Aos denodados
Ventos ferozes
Meu Lizio entrega,
E aqui te chega.

VI.

Abranda a chama,
Que em sêcos troncos
Arde, e se inflamma;
Do Noto os roncós
Escutaremos,
E beberemos.

VII.

Vinhos, e cidra
Promptos estão,
Do Inverno a hydra
Estroncará
Quais tu quizeres,
Quais escolheres.

VIII.

Voão os annos,
 Que o tempo leve
 Cobre de damnos,
 A vida breve,
 Que por fim séga
 A morte céga.

IX.

Passa o prudente,
 Que a razão préza,
 Vida contente;
 Pois com tristeza
 Atormentada
 He encurtada.

X.

Ou da riqueza
 No molle seio,
 Ou da pobreza
 No gremio feio,
 E da desgraça
 Ella em fim passa.



XI.

E igual a Parca
De hum pobre a vida,
E a de hum Monarcha
Corta insoffrida,
E ao Rei, e ao pobre
A terra cobre.

O mesmo.

O D E.

I.

A Mor que ouvir desejava
Das Musas a melodia,
Ao Pindo subir queria;
Mas de subir receava,
Pois ao vê-las tão esquivas,
As temia vingativas.

II.

Longo tempo vacillou
 Entre o desejo, e o recio;
 Em fim de seu valor cheio
 Occulto ao mundo voo;
 Nas rapaz travesso, e esperto
 Como estaria encuberto!

III.

Qual relampago brilhou
 Por entre a rama virente
 De seu facho a luz ardente,
 E o mundo todo assustou,
 As Musas se alborotãõ,
 E para o punir se arriãõ.

IV.

Toda a floresta intrineada
 Com subtil rede e ingirãõ,
 E ardilosas a cubirãõ
 Com a rama levantada:
 Amor, que não tem cautela,
 De improviso cahio nella.

V.

A' rede as Musas corrêrão,
 E as tenras mãos delicadas,
 De nievos jasmims formadas
 Com cadêas lhe prendêrão,
 Rente as azas lhe cortárão,
 Arco, e sétas lhe quebrárão.

VI.

Depois de assim espancado,
 Sem ouvir suas rasões,
 O deixão com mil baldões,
 D'hum rosal ao tronco atado;
 Suspirar, bradar ao Ceo,
 De nada a Amor valeo.

VII.

As liras então velozes
 Tomão cheias de alegria,
 A cantar sua victoria
 Se dispõem em altas vozes;
 Mas em vão, que a seus acentos
 Não convém os instrumentos.

VIII.

Huma, e outra vez concertão
 As liras de oiro esmaltadas;
 Mas c'ò as notas levantadas,
 Por esta vez não acertão
 Com as notas de que usavão,
 Quando só heróes cantavão.

IX.

Em vez dos sons magestosos,
 Que de gloria o peito inflammão,
 Huma, e outra vez derramão
 Huns accents maviosos,
 Que provocão a ternura
 Do monte a penha mais dura.

X.

Hum brando ardor de repente
 Se espalhou pela montanha,
 Hum fervor, huma ancia estranha
 Em toda a parte se sente,
 Hum confuso pensamento,
 Que he prazer, e que he tormento;

XI.

De tão raras maravilhas
Atonitas, admiradas,
Por algum tempo assustadas
Ficção da Memoria as filhas,
A quem até alli notoria
Só fôra a paixão da gloria.

XII.

Mas, que Amor era o motivo
Destes prodigios no Pindo,
Pouco depois reflectindo
Soltar vão o moço esquivo;
Do monte mandão que desça,
Que alli mais não appareça.

XIII.

Mas Amor, que nesta empresa
Perdera ditosamente,
Com as pennas juntamente
A inconstancia, e a leveza,
E prezo das Musas bellas
Só feliz se cre com ellas.

XIV.

Lança-se aos seus pés ligeiro,
 E com rogos, e ternura
 Lhe pede, protesta, e jura
 Ser seu fiel companheiro
 De as seguir sempre contente
 A sua voz obediente.

XV.

Daqui vem, que em toda a parte
 Amor com as Musas se mira,
 Que elle em seus cantos inspira
 Novas graças, e nova arte,
 Que em vão quer sua harmonia
 Sem amor a hypocrisia.

O mesmo.

S O N H O .

O vós Zefiros brandos, que voando
 A' vista do Mondego, que allí corre
 Por entre as verdes flores desta faixa
 Brincaes alegremente,
 Em quanto do trabalho fatigada
 Repousa em doce somno a gente humana
 Eu só desperto neste fresco valle
 Com vosco estou velando.
 Tudo dormindo está, tudo descança,
 E a minha Alcida a estas horas dorme;
 Porém dormindo lá me tem consigo
 No brando pensamento:
 Se acaso, amaveis sonhos, estas fãias
 Neste lugar por minhas mãos plantadas
 Prazer vos dão em quanto dorme Alcida,
 Voai aonde eu vos mando
 Nas frescas margens dos serenos rios,
 Que regão Paphos, e os Jardins d'Italia.
 Cresce, travessa chusma numerosa
 De brincadores sonhos,
 Com as azas bordadas de mil côrcas,
 De que dependem mil, e mil desejos,
 Quaes lindas borboletas revoando
 Por entre os myrthos brincão.

Ora se sentão nas fragantes rosas ,
 Ora se banhão na mais clara fonte,
 Dormem de dia velão toda a noite.

Varias figuras tomão ,
 Citherea os sustenta , Amor os manda ,
 E a seu maço ficis , que n'alta noite
 Da donzella genti o casto seio

Ousados accommettem.

Se amaste já , se o meu amor vos move ,
 Voai Zefiros meus , voai ligeiros ,
 Colhei-me á mão os sonhos mais formosos ,
 Colhei quantos pudédes.

Trazemos sobre as azas bem seguros ,
 Que vos não fuja hum só ; em nos trazendo
 Voai , voai depressa , ide lança-los

Sobre os peitos d'Alcida.

Sobre os peitos de Alcida inda nascentes
 Hum a hum os lançaí , mais com brandura
 Cubrão seus peitos mil travessos sonhos ,

E com elles se abracem.

Dahi com brandõ geito , e gentil força
 Té o seu coração manso calando ,
 Todos a hum tempo gostos mil lhe finjão ,

Excitem mil prazeres.

Acorde o seu amor , despertem n'alma
 Doces lembranças , que até ahi dormião ,
 E brotem lá das íntimas entranhas

Fervorosos desejos.

Arda mais incendida a chama viva ,

Que por mim de continuo arde lá dentro,
De veia em veia vá lavrando o fogo,
E o corpo lhe repasse.

Suspire então d'Amor, Alcino chame,
Só veja o seu Alcino por quem morre :
Amaveis sonhos, se em vós ha ternura
Mostrai-lhe o seu Alcino.

De gosto ao ver-me o coração lhe salte,
Doce sorriso por seu rosto võe,
A mão me estende, como quem me chama
A seus queridos braços.

De seus mimosos encarnados beijos
Desprende, inda que em vão, risonhos beijos,
Solte vozes d'amor, e de ternura
Banhada d'alegria.

Como se junto a si, o seu Alcino
Doce tivera sobre os alvos peitos;
Cruze com ancia os amorosos braços,
Nelles me tenha prezo.

Então em mil prazeres entranhada
Solte hum terno suspiro, e vós ó ventos,
Trazei-mo aqui depressa, inda abrasado
Das chamas de seu peito.

E P I C E D I O

*A morte de José Francisco Leal, Lente de
Medicina na Universidade de Coimbra.*

Que nova confusão ! Que triste scena,
O ar toldado, o vento enfurecido
As nuvens do seu seio despejando
 Chuveiros inundantes,
Fusila ao longe o rápido corisco,
Horroroso trovão nos valles sôa,
Apinhão-se os rebanhos, assombrado
 Treme o pastor de susto.
Lá dos altos zimborios tristemente
Negras nocturnas aves vaticinão
Hum terrivel successo, hum caso raro,
 Hum caso memorando.
Quanto a face da terra está mudada !
Parece, que os seus eixos tem perdido
A machina do mundo, o triste inverno
 Já mais foi tão funesto.
Que nova confusão, que triste scena !
Das concavas cavernas do Mondego,
Como nunca se vio, as Ninfas todas,
 Afflictas vem sahindo.

De funebre tristeza revestidas,
Soltos ao vento os lucidos cabellos,
Estas tristes canções chorando então
Ao som da rouca lira.

Morreo, morreo, quem as verá sem pranto!
Hum mestre abalisado, hum homem raro,
Em idade viril, tyrannas Parcas,
A vida-lhe roubarão.

Hum Apollo, hum Orfeo perdemos nelle:
He justo pois, que tão sensivel perda
Seja sempre chorada; em quanto as aguas
Bebermos do Mondego.

Oh! Quantas vezes nestas mesmas margens
Ao seu toque suave não dançamos;
Quantas vezes, ó rio, não paraste
Na rápida corrente.

Seu nome proferir a dôr não soffre,
Que as vozes na garganta ficão prézas;
He grande a magoa, he grande o sentimento,
Choramos sem remedio.

Os mesmos elementos perturbados
Tambem querem sentir tão grande perda;
Suspira e geme a Natureza toda,
Tudo com nósco sente.

Já não existe, que terrivel magoa,
Hum genio singular, profundo, e raro,
Hum docil coração, huma alma nobre,
Tão cedo se perdêrão.

Que razão, justos Ceos, vos move a tanto!

Porque motivo não fazeis eternos
 Os homens grandes, os varões preclaros
 As almas sublimadas.

Se tu, genio immortal, lá nesse assento,
 Onde a virtude em doce paz impéra,
 Lembrança deste mundo inda conservas,
 Accéita o nosso pranto.

Os olhos hum momento á terra volve,
 Verás banhado de amargoso pranto
 O teu frio cadaver, os despojos,
 Que vemos por instantes.

Teus tristes companheiros soluçando
 Verás tambem c'ò a Academia toda
 Seu choro misturar, tanto magôa
 Tua fatal ausencia,

Repousa em paz, repousa eternamente,
 Que o tempo gastador tua lembrança
 Ha de mais respeitar, que não respeita
 O bronze, o diamante.

O D E.

I.

Cercando a urna d'ouro
 Eu vejo os Generaes do forte Grego;
 A' fria sombra me avisinho, e chego,
 'Observo o murcho loiro
 Na descorada testa:
 Nada do antigo resplendor me resta,
 Mal da languida mão d'industria préso.
 Cahe, ou pende do sceptro o inutil pezo.

II.

Se serás de Filippe
 O vencedor herdeiro, aqui pergunto,
 Deixa que o mundo a teu cadaver junto
 Este aviso antecipe;
 Elle não pôde crer-te,
 Se hoje, Olimpias, por ti lagrimas vérté,
 Aonde estão os grandes, onde as glorias
 Com que a Pátria te honrou, tantas victorias?

III

As legiões distantes
Aos limites das terras verdadeiras,
Nós te vimos marchar entre guerreiros.
Esquadrões triunfantes:
Té os reinos d'Aurora.
Levaste o ferro, e a chama abrasadora,
Mas desde o Indo, e desde o Idaspe cheio
Voltas de luto, a terra te abre o seio.

IV.

E que espaço te espera
Do conquistado globo? Acaso a vasta
Extensão do Universo? Ah não, não basta
A Alexandre, que dera
Tanto susto ao Universo,
Que affrontando o terror de Marte adverso,
De novos mundos a conquista aspira,
Não basta o mundo todo a erguer-lhe a porta.

V.

Do Antartico a Calisto
O ambito se busque ; neste espaço
Se guarde o peito , e se sepulte o braço ,
Que a Grecia tam já visto
De rápidas campanhas
Tinto no sangue , ó Ceos , elle ás entranhas
Da terra desce aqui em termo breve ,
Sóbe ao sepulchro , e cobre-o terra leva.

VI.

Grandes , que arrebatados
Da soberba ambição , levais a guerra
A's mais longiquas regiões da terra ,
Agora debruçados ,
Se he que o pasmo o concede ,
Sobre o sepulchro de Alexandre , vêde
Como eloquente o seu silencio dita
Os desenganos , que a razão medita.

VII.

Filosófos de Athenas,
 Os pórticos deixai de Themis clara,
 Lição mais digna hum morto vos prepara :
 Da Academia as serenas
 Estudiosas horas
 Abandonai, tu, que divino fôras
 Sábio Platão se esta doutrina lêras,
 Como tardas a vir, que mais esperas ?

VIII.

Mas já dizer-te escuto
 A' vista do espectáculo funesto ;
 Este do heroe o desgraçado resto ?
 Das conquistas o fructo !
 Outros a colher correm,
 Se quentes inda da victoria morrem
 Os dominantes d'Asia ; oh ! E quão pouco
 Dista o orgulho d'hū grande, ou já d'hū louco !

IX

O sábio d'Estegira,
 Deixa, que entre, e registre a infausta scena,
 Elle he que as honras funeraes ordena
 Ao vencedor que espira:
 - Eu te instrui prudente
 Na temperança, diz, hoje presente,
 Hoje a meus olhos, tu lição mais pura,
 Me intimas desde a fria sepultura.

X

A tropel vem chegando
 Os mais que a Grecia nos seus fastos conta,
 Aqui Demetrio, alli Metrou, se aponta;
 Philotes está dando
 A distinguir seu rosto:
 Xenofonte, Sotou, Philacu, posto
 Cada hum sobre o tumulo feridos
 De penetrante dôr lanção gemidos.

XI.

Tu, Philemon famoso,
 Que de teu General honraste o lado;
 Tu, que ao Thrace feros, ao Scita ouzado
 Disputaste brioso,
 Se te vejo este dia
 Suffoçar toda em lato Alexandria,
 Quando cingido de abrasadas luzes,
 Do Augusto Chefe o feretro conduzes.

XII.

Tu, só por derradeiro
 Deves alçar a voz ao giro em roda,
 Que cevão já teus olhos, pende toda
 Junto ao morto guerreiro
 A officiosa assembléa,
 Das humanas grandezas huma idéa
 Principes vos atterre; estes spectros
 Fallão só c'os diademas, e c'os sceptros.

XIII.

Ah! Possa hum destro engenho
Sobre a campa do heroe deixar gravado
Sábio letrado, á idade encornado; u!
De o consultar eu venho
Nas Atticas fadigas:
Caminhante, aqui jaz, mas não prougas,
Quem o mundo a si todo vio sujeito,
Para occupar do mundo hum campo estreito.

Claudio Manoel da Costa:

Q U A D R A.

Heide amar-te até á morte,
 Quer tu me queiras, quer não;
 Serei no amor desgraçado,
 Mas com discreta eleição.

G L O S A.

Não fujo, podes rasgar
 Este peito desgraçado,
 Que o teu gesto retratado
 Has de, cruel, nella achar,
 Posto te veja roubar
 A Parca a tezoira forte,
 E dar-me na vida corte
 Inda ouvirás, quer te digo,
 Ingrata, não me desdigo,
 Heide amar-te até á morte.

H.

Vou á Amor assevelar
 O sagrado juramento,
 De até ao final alepto
 Firmemente te adorar,
 De joelhos ante o altar
 C'o a devida submissão.
 Resoluto ponho a mão,
 Juro nas sétas tremendas
 De te amar, quer tu me offendas,
 Quer tu me queiras, quer não.

III.

Amor c'ò as mãos apressadas
 Ergue dos olhos a venda,
 E pasma dá jura horrenda,
 Que assusta as aras sagradas;
 Eis as correntes pezadas
 Que te esperão: diz irado,
 Eu as aceito humilhado,
 Não, ó Deos, não esmoreço
 C'os ferros, posto conheço
 Serei no amor desgraçado.

IV.

A liberdade ultrajada
 Lança-me a revez a vista,
 Risca-me da honrada lista,
 E chama-me escravo irada:
 Não crimines indignada
 Esta nobre sujeição,
 Arrasto o ferreo grilhão,
 Mas por quem! Por Nize bella,
 Ah! Sim te deixo por ella;
 Mas com discreta eleição.

QUADRA.

Melibeu tem dó de ti,
Que o teu mal vai a peor,
De huma vez desata os laços,
Ah! Não mais, não mais Amor.

G L O S A.

JA' de padecer cançado,
Consultei o desengano,
Doce asylo a hum triste humano;
Mas sempre tarde buscado,
De roxo lirio coroadó
Sobre hum lizo jaspe ∇ vi,
Quanto amei, quanto soffri
Lhe expuz, triste me escutei:
„ He já tempo, me tornou
„ Melibeu tem dó de ti.

II.

Se esperas no amor piedade
Tarde acharás compaixão,
É em tanto ao som do grilhão
Vôa a fugitiva idade,
Dar-te-hei paz, e liberdade,
Pens que nunca deo Amor,
Tarda, ou não vem seu favor,
E em ti proprio podes vér,
Com teu longo padecer,
Que o teu mal vai a peor.

III.

Vês de grilhões destroçados,
 Essas paredes vestidas,
 A tantos salvei as vidas
 De cativo arrancados:
 Troca em canto os ais magoados,
 Desprende os cingidos braços,
 Faze as prisões em pedaços,
 Facha, e venda ao Lethes lança,
 De huma vez perde a esperança,
 D'huma vez desata os laços.

IV.

Disse, e subito fugio
 A meus olhos Nume, e Templo,
 Divino conselho, e exemplo
 O dubio passo impedio;
 Bradava Amor, que ouviu
 Jurando dar-me favor,
 Já te não creio traidor,
 Assaz soffri longos annos,
 Basta de penas, e enganos,
 Ah! Não mais, não mais amos.

Q U A D R A .

Entre funebres cyprestes
Lugar de dôr, e afflicção,
De amantes tristes cercado
Morro sem consolação.

G L O S A .

I.

Junto ás margens do Cocito
Verdenegro bosque encerra
Aos que não cobrio a terra,
Ou por naufragio, ou delicto:
Surdo Acheronte ao seu grito,
Passa aquelles, deixa a estes,
Que envoltos nas frias vestes
Piedosa campa esperando,
Andão tristes revoando
Entre funebres cyprestes.

II.

Os que morrem delirantes
Por Amor vagão aqui,
Que á Pithia em Delfos, o ouvi
Predizerno, e a mil amantes,
Mudada a voz, e os semblantes,
Predisse: os destinos são,
Que os que acabou a paixão
Inda mortos, nenhum veja
Outro lugar que não seja
Lugar de dôr, e afflicção.

III.

Já creio ouvir resoar
Do Cerberó o infando grito,
E ao rouco som do Cocito
Nocturnas aves pjar;
Ouço as serpes sibillar,
Que as furias tem no toucado;
Vejo Acheronte enrugado
A estreita prancha estendendo,
E a dura escolha fazendo,
De amantes tristes cercado

IV.

Chegou o fatal instante,
Já o leve pó fugitivo
Para no relógio esquivo,
Que a morte me pôe diante
Acabarei delirante
Na minha infausta paixão,
Mal pago da ingratição
Na vida, e vendo que a morte
Me não dará melhor sorte,
Morro sem consolação.

S O N E T O.

Quiz dar o Ceo á Lusitana gente
 Heroe guerreiro, que seu nome honrasse,
 E deo-lhe hum Nuno, que de Lisboa ornasse
 De eterno loiro a magestosa frente.

Do Sol quiz dar-lhe o barco florecente,
 E trouxe o Gama á luz, que assoberbasse,
 Nunca calcado mar, e descerrasse
 A' culta Europa as portas do Oriente.

Quiz dar-lhe idade d'ouro em paz brilhante:
 Reina Manoel; do Indo não ligeira
 Lhe traz ao Têjo hum throno de diamante.

Quiz dar-lhe em fim por gloria derradeira,
 Quem san doutrina em alta rima cante,
 E deo-lhe o grande, e immortal Ferreira.

A' S A R T E S

P O E M A ,

*Que a Sociedade Litteraria do Rio de
Janeiro recitou no dia dos an-
nos de Sila*

MAGESTADE FIDELISSIMA.

JA' fugirão os dias horrorosos
De escuros nevoeiros, dias tristes,
Em que as Artes gemêrão despresadas
Da nobre Lisia no fecundo seio.
Hõje cheias de gloria ressuscitão
Até nestes confins do Novo Mundo.
Graças á Mão Augusta, que as anima!
Vejo grave Matrona meditando (1)
Com os olhos no Ceo: a mão exacta
Dos Planetas descreve o movimento:
Por justas Leis calcula, pèza, e méde

(1) Mathematica.

forças, massas, e espaços, infinitos.
 Dóus Genios Voadores lhe apresentam
 Movel eburneo Globo, em que ella grava
 Os limites do Imperio Lusitano:
 Ella dirige sobre os vastos mares
 Nadantes edificios; que transportão
 Os thesouros, e as Armas de que treme
 O ultimo Occaso, o primeiro Oriente.

A par desta outra Deosa move os passos (2)
 Da firme experiencia sustentada:
 Ella conhece as causas, e os effeitos;
 Ella exerce, ella augmenta, e diminue
 Da Natureza as forças: a Luz pura
 A través do Cristal separa os raios,
 E mostra aquellas primitivas côres,
 Que formão a belleza do Universo,
 Por suas Leis os differentes Corpos
 Se ajuntão, e se movem: o Tridente,
 Que levanta, e que abate as negras ondas,
 Escuta a sua voz; e o mesmo Jove,
 Se troveja, e fulmina, reconhece,
 Que ella o move, ella o rege, ella o desarma. (3)
 Funesta gloria, que custou a vida
 Ao novo Prometheo, que impio roubára (4)

(2) Fisica experimental.

(3) As experiencias da materia Electrica
 sobre o Raio.

(4) O desgraçado Professor de Petresbourg

A sutil chama do Sagrado Olimpo !
 Por ella o Nauta illustre , e valoroso , (5)
 Vendo abaixo dos pés as tempestades ,
 Vai sobre as nuvens visitar a Esféra.

E tu quem és , oh Ninfa , tu que ajuntas ,
 Indagas , e descobres os thesouros ,
 Que fecunda produz a Natureza ? (6)
 Recebe as tuas Leis todo o vivente
 O nobre racional , o vil insecto ,
 O mudo Peixe , as Aves emplumadas ,
 As indomitas Feras , e escamosas
 Mortíferas serpentes , e os Amphibios ,
 Que respirão diversos Elementos.
 Dos Vegetaes na immensa variedade
 Tu conheces os sexos , e distingues
 Quaes servem ao Commercio , e quaes restaurão
 A perdida saude : tu nos mostras
 A prata , o ouro , as pedras preciosas ,
 Com que opulenta a inclita Lisboa
 Vaidosa sobre o Têjo se levanta :
 A tua mão benefica , rasgando
 Occultas veias d'asperos rochedos ,
 Arranca o ferro , que revolve os campos ,

Richman , que morreu experimentando o
 Conductor da materia Electrica.

(5) O primeiro Aeronauta Monsieur Pila-
 tre de Rosier.

(6) Historia Natural.

Por quem o lavrador recolhe alegre
 Do seu nobre suor os doces fructos.
 E tu, que com poder quasi divino (7)
 Imitas portentosa, rica, e bella
 As producções da sábia Natureza,
 Vem, ensina aos Mortaes, como a Matera
 De mil diversos modos combinada,
 Forma infinitos mil corpos diversos;
 Huns, que respirão, outros que vegetão,
 Outros, que nem vegetão, nem respirão.
 Por tua mão laboriosa vejo
 Em pedra transformar-se a molle argilla
 Em Cristal as aréas: tu desatas
 A união dos metaes, e ainda esperas
 Formar o Ouro brilhante, que ennobrece
 Da inculta Pátria minha os altos montes.
 E se eu tremo de horror, vendo-te armada
 Humma mão de mortiferos venenos;
 Agradecido, e respeitoso beijo
 Outra mão, que benigna me prepara
 As riquezas, e as forças, que reprimem
 A pallida doença, rodeada
 Dos espectros da Morte... Ah vem, ó bella
 Irmã da Natureza enfraquecida, (8)
 Que provida conservas, que renovas
 Da humana vida a preciosa fonte.

(7) Chimica.

(8) Medicina.

De que serve o valor , e os cheios cofres
 De Midas , ou de Cresso , se desmaião
 Em langidez os membros , quando a febre ,
 E os correios da Morte acelerados
 Do afflicto coração ás portas batem.
 Erão cheia d'amor da humanidade ,
 (Misera humanidade !) pouco a pouco
 Tu a consolas , e ergues d'entre as sombras ,
 E frio horror da negra sepultura.
 Estende , estende , ó Deosa , a mão benigna
 A' fraca humanidade : e tu , que podes
 Unir os rotos lacerados membros ; (9)
 E com saudavel , e polido ferro
 Afugentas a Morte , e que conheces
 Todos os laços da structura humana ,
 Entorna o doce balsámo da vida
 Sobre os tristes Mortaes. Já reconheço
 Outra formosa Ninfa , que descreve (10)
 Toda a extensão da Terra , o Mar , os rios ,
 As famosas Cidades , e as montanhas
 De polidas Nações brandos costumes ,
 E de barbaros Póvos féra usança.
 Sincéra índága , e cuidadosa exprime.
 Com ella vem , bellissima Donzella , (11)
 Que com grave eloquencia narra os factos ,

(9) Cirurgia.

(10) Geografia.

(11) Historia.

Que o Mundo vio desde a Primeira idade:
 Ella nos mostra em quadros differentes
 Os tempos, as Nações, e a varia sorte
 De Impérios elevados, e abatidos,
 As alianças, a implacavel Guerra,
 O progresso das Artes, e a ruina.

Mas que illustre Matrona entre as mais vejo
 De verdes louros coroada a frente? (12)
 Tem nas mãos pléctro eburneo, e lira d'ouro,
 Que celebra os Heroes, e que eterniza
 No templo da Memoria, o Nome, e a Fama
 Dos inclitos Mórtaes: já das Deosas
 A companhia escuta: já repousão
 As nuvens sobre o cume das montanhas:
 O rouco Mar, os ruidosos Ventos,
 A fonte, o rio, os ecos adormecem:
 Reina o silencio: em tanto solta aos ares
 Calliope divina a voz sonora.

Os Tyrannos da Pátria, assoladores
 Do Povo desgraçado, são flagellos,
 Que envia ao Mundo a colera Celeste:
 São dos Mortaes o horror, a infamia, o odio,
 Mais cruéis, do que a peste, a fome, e a guerra.
 O seu dia Natal he dia infausto,
 Dia de imprecação, época triste
 De susto, e de geral calamidade;
 Mas o Monarca generoso, e pio,

Amor, delicias, esperança, e gloria
 Na Nação venturosa, que prôtege,
 He Dom raro, e magnífico, que nasce
 Da Eterna Mão, que volve os Ceos, e a Terra.
 O dia, o feliz dia, que primeiro
 O deo ao Mundo; he dia assignalado,
 He dia de prazer: o Povo unido
 Levanta as mãos ao Ceo: os puros votos
 Com as lagrimas de gosto misturados,
 São a publica voz, e o testemunho
 De gratidão, de amor, e de ternura.
 Tal he, Rainha Augusta, a vossa Imagem,
 Tal foi o inclito Rei, que teve a sorte
 De deixar á saudosa Lusitania
 A digna Filha, generosa Herdeira
 Do grande coração, do vasto Imperio.
 Se elle invicto abateu com braço herculeo
 A horrivel Hydra, os detestaveis Monstros;
 Deixou tambem aos vossos firmes passos
 Da bella gloria abertos os caminhos.
 O Coro illustre das Reaes Virtudes
 Vos segue em toda a parte; e a Esperança
 Da Nação venturosa junto ao Throno
 Erguendo os olhos, e alongando os braços,
 De vós confia, e só de vós espera
 Os bellos dons da paz, e da abundancia.
 Vejo por terra a estúpida, e maligna
 Cohorte da ignorancia: e se ainda restão
 Vestigios da feroz Barbaridade,

O Tempo os vai tragando : assim as folhas
 Murchas , e áridas cahem pouco a pouco
 Dos proprios ramos nas regiões d'Europa ,
 Quando pesado , o triste e frio Inverno
 Sobre o carro de gelo açouta as Ursas ,
 E fere as nuvens com aguda lança.
 Chegão por Vós aos mais remotos Climias
 Premiadas as Artes : eu as vejo ,
 Eu as ouço , que juntas neste dia
 Entre os transportes de prazer então
 Ao vosso auzavel nome eternos hymnos.
 Elles voão , levando ao Ceo sereno
 Nas brancas azas os mais ternos votos
 De respeito , e de amor , que vos consagra
 Rude , mas grato Povo Americano.

Já destes votos nasce , e se derrama ,
 Como a neve dos Alpes , a torrente
 Da vossa Gloria , que de dia em dia
 Igual ao vosso Nome se levanta ;
 E os ultimos vindouros admirados
 Inda a verão crescer no amor dos Povos ;

E tu , que triste , e pensativo observas
 Este de Gloria eterno monumento ,
 O' fero tragador dos bronzes duros ,
 Arroja o curvo ensanguentado ferro ,
 E confundido , e temeroso adora
 Aos pés do Regio Throno Lusitano
 Da Rainha immortal o Nome Augusta.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga,

A SUA ALTEZA REAL

PRINCIPE REGENT
 NOSSO SENHOR.

O D E.

... *Micat inter omnes*

... *Velut inter ignes*

Luna minores.

HOR. Liv. I. Ode. XII.

Resplandece immortal nas acções bellas
 Qual resplandece a Lua entre as estrellas.

I.

EU se no lodo impuro
 Deixo o vulgo atolado, e aos astros vôo,
 Novo, canoro Cisne,
 A ti, divino Horacio,
 Devo o furor, a ardente chama devo,
 Com que atrevido, desdobrando assombro
 D'assumpto não vulgar carrego os hombro

II.

Tu do Parnazo ás grutas
 Infante me subiste ; e ao Deos do Estro
 Por alumno me déste ;
 Tu me apontaste o throno ,
 Inda da luz celeste esclarecido ,
 Onde das Musas respirando o bafô ,
 Deixaste apoz de ti Pindarô , e Sapho.

III.

Por ti cantei mavioso
 De Venus , de seu Filho , o Cesto , a Venda ;
 E as meigas nuas Graças
 De abrazador deleite :
 Tu as canções , os hymnos me ditasto ,
 Com que dos Lusos o immortal Monarcha
 Salvei triumphante do Poder da Parca.

IV.

Oh ! Como acezo brilha
 Dos astros entre o lucido cortejo ,
 Seu nome scintilante !
 Como os clarins a Fama
 Todos emboca , e sobranceira ás nuvens
 Com seu digno louvor o mundo atrôa
 Desde o último Occaso á Plaga Eôa.

V.

Não porque a dextra armada
 Dos igneos raios do vermelho Marte,
 De abrasados impérios
 C'o fumo o Ceó toldasse;
 Rios de sangue atravessando em furia,
 E ao som dos prantos compassando o estrage
 Que assolou Roma, que prostrou Carthage

VI.

Já justiceiro Jove
 Punio a ardencia do insofrido Carlos
 Nos campos de Belona;
 Nos campos, onde outróra
 De cem bravos canhões acompanhado,
 Cada palavra, que ás legiões soltava,
 Era a tuba da morte, que soava.

VII.

Como he futil a gloria,
 Que a virtude, e a rasão não tem por bases
 Das illusões despido,
 O sábio em mais estima
 O fígido Catão, o austero Castro,
 Que Eugenio vencedor em mil combates:
 Socrates mais que o domador do Eufrates

VIII.

Assim caminho abriste ,
 Claro Pompilio , ao Templo da Memória ,
 Sem das ferozes aguias
 Ensanguentar o vôo ;
 Na ventura , na paz dos teus vassallos
 Assim PRINCIPA excelsa pôes teu fito
 Seguindo a Numa , devançando a Tito.

IX.

Não pende a vera gloria
 De carros triumphaes , de Reis cativos ;
 Tulio , que foi de Roma
 O salvador , o amparo ,
 Nunca as aras saudou do Capitolio
 Tinto de sangue o rosto enfurecido ,
 De algemadas nações atraz seguida.

X.

Mas na suprema Curia
 Os direitos da pátria sustentando ;
 Mas os fataes projectos
 Do ímpio Catilina
 Cortando em flor ; e d'alto t'êlo armado ;
 C'o a valente expressão impondo freio
 Da sedição ao monstro horrendo , e feio.

XI.

Assim pomposo dique
 Affronta as iras da torrente insana ,
 Que em ondas se desliza
 Pela quebrada arêa ;
 Assim Franklim devaçador da Esféra ,
 De Vulcano , dos Brontes com injúria
 Corta as azas ao raio , a Jove a furia.

XII.

O' Lusitano Augusto ,
 Tu ; que de taes Varões a senda pizas
 Por onde ao Templo forão
 Da lustrosa Memoria ,
 Qual te espera no Elysio , afortunado
 Prémio digno da candida piedade
 Com que renovas de Saturno a idade !

XIII.

Verás a ti correndo
 De teus Avós a turba magestosa ,
 E com solemne voto
 Ceder-te a clara palma
 Da sciencia de reinar ; darás inveja
 A quantos Reis , o Nilo , singulares ,
 Ergueo ob'iscos , levantou altares.

XIV.

Ah! Dai-vos pressa, ó Lusos,
De tão grande Monarcha a encher as vistas;
Do ocio nos momentos
Desmascarai o vicio,
Promovei da virtude, o esforço, o heroismo;
E zombareis do horror do fado adverso
Dando gloria á Nação, gloria ao Universo.

A INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE

DO SENHOR REI

D. JOSÉ I.

O D E.

I.

Que heide offertar de Jove ás sábias filhas
Que as artes educarão,
E as memorias daquellas maravilhas,
Que os tragadores seculos gastarão;
Illesas conservarão.
Transmudadas em lucidas estrellas,
Onde o tempo não vò a escurecêllas.

II.

Tu, Citara Febea, que enterneces
 O torvo Marte irado,
 Que o ministro dos raios adormeces
 Sobre o sceptro de Jove repousado,
 E o tridente azulado
 Fazes depôr no solio Neptunino,
 Excita para o voto o immortal hymno.

III.

Se pello herno em tropel acelerado
 Os bosques vão descendo,
 Se o strimon para o curso arrebatado,
 Se os antigos carvalhos vem correndo
 A Orfeo obedecendo,
 Para o teu Vate, ó Deho, não te rogo
 Tantos dons, sopra hum raio do teu fogo.

IV.

Rainha das virtudes entra ousada
 Das Pierides divinas
 Na concha d'altas redeas; solta, amada
 Limpa verdade as vozes cristalinas,
 E ao som das cabalinas
 Murmuradoras aguas vai dizendo
 Do antigo Cháos o negrume horrendo.

V.

Envolta Creta em densa escuridade
 Só os Deoses distinguão;
 Justo, e injusto, virtude, e iniquidade
 Legislou Minos, sábias leis se ouvirão;
 Com Cidades se erguião;
 O' dos antigos Lusos sombras tristes
 Levantai-vos, he Elisia a que vós vistes?

VI.

Quando o sceptro da Augusta Pótestade
 Jove primeiro toma,
 Dá-lho a justiça, adorna-lho a ptedade:
 Belona o dava à seu capricho em Roma;
 He grande o Rei, que doma
 Não gentes livres com cruél fereza;
 Mas dos rebeldes vícios a torpeza,

VII.

Prudentissima Astrea as tuas bellas,
 Tuas filhas formosas
 Tecião para os Lusos mil capellas;
 Soltava Eunemia as vozes sonoras,
 E as irmãs carinhosas
 Justiça, Paz, ternissima Equidade
 ramavão feliz tranquillidade.

VIII.

Que infando caso no Etna inflamado,
 'Tiphéo soberbo treme,
 As cem cabeças move, e o peito anciado,
 Ao revolver-se o monstro, o monte geme,
 A madre terra, treme,
 E Atropos mostra á destroncada gente
 Os reinos de Proserpina indolente.

IX.

Mas, que formosa, que louçã donzella
 De fronte torreada,
 Que o neto de Titan não vio mais bella,
 C'ò a veste d'ouro, e perlas recamada
 Se levanta coroadá:
 Ah! Onde estou, que vejo, que me inspira!
 Far-te-ha Febo immortal na minha lira.

X.

Mnemosine, de Jupiter esposa,
 Que espalhas claridade,
 No ópaco Lethes rasga luminosa,
 Os róxos véos do irmão da eternidade
 Da grata lealdade,
 Que o colosso erigio, que o tempo affronta
 As mil causas beneficás reconta.

XI.

Já Evias cinge a fronte avermelhada
Com a parra frondente,
Vibra o Tirso, entamado annella, e brada,
Vai Pan tangendo a flauta docemente;
E a Naiade contente,
Que o vaso da abundancia recebêra
Fructos entorna, e longa Primavera.

XII.

Tu grão Neptuno bates o tridente,
Brotas ginetes féros,
Desligas Marte, que c'ó a irman potente
Cinge d'armada gente os fins Iberos,
E os vãos estranhos ferros
Despreza a Lusa industria o collo alçando,
E o vil ocio das rosas arrancando.

XIII.

Lá se vê Frymigesto recolhendo
Das sciencias as boninas,
Para adornar os cedros vem descendo
De Nereo as espaduas crystalinas,
Nas luzidas campinas
De novo exulta o esquecido Gama,
Renascer vendo o seu trabalho, e Fama.

XIV.

Quanto na terra ha bom , do Ceo dimana ,
 Gerou de Jove a mente
 A divina Minerva , a gente humana ,
 N'uma grande na paz , Tito clemente ,
 : Aurelio sapiente ,
 Que os Numes dêrão , e outra vez tomárão ,
 Aos Lusos n'hum só Principe tornárão .

XV.

Do sábio Prometheu prole prevista
 Teme o orbe apagado ;
 Themis a arte lhe dá com que resista
 Ao solto abysmo de Neptuno irado ,
 Para que o tempo ousado
 Não cúbra o heroe c'o veio do esquecimento ,
 Lhe ergue Ulyssea equestre monumento .

XVI.

Não tema Elysia vendo a Memphis triste ,
 Sem nome , e destoucada ,
 Que a idade a quem o bronze não resiste ,
 Do ensifero Orion , do Austro armada
 Contraste denodada ,
 O padrão consagrado á Magestade ,
 Pois Clío o escuda , e offerece a eternidade .

XVII.

Alvos hymnos de loiro coroados
Em torno lhe revoão,
Quaes lá pelo Hibleo monte congregados
Roces enxames todo o ar povoão,
Das cem bocas resoão,
Da que a terra gerou vozes tamanhas,
Que eterno o fazem nas Nações estranhas.

A O ILL.^{MO} E EX.^{MO}

SEBASTIÃO JOSE' DE CARVALHO

MARQUEZ DE POMBAL & C.

O D E.

I.

NÃO de bronzes , ou marmores antigos
Estatuas levantadas ,
Soberbos monumentos
Quero erigir por conservar teu nome ,
Que o tempo acções heroicas não consome.

II.

Elogiõs fundados na lisonja
Menos fazer intenta
A Musa dissonante ;
Vozes , que inspira o justo sentimento ,
Irão ferir até o firmamento.

III.

Quantos, grande Marquez, quantos saudoses
 Já dos teus beneficios,
 Já das tuas virtudes
 Querem talvez por sua propria gloria
 Levar-te ao Templo da immortal memoria.

IV.

Menos altivo o meu discurso vòz,
 Meu activo desejo
 Dirá, se tanto póde,
 Aprendendo dos mais a suavidade,
 Quanto lhe inspira a candida verdade.

V.

Qualidades no berço adquiridas,
 Ou de Avós herdadas;
 Bem que em ti as conheço,
 Não são que sobre a Fama hoje te levão
 Espiritos vulgares que as escrevão.

VI.

Buscar o fundamento á propria gloria
No sangue dos passados,
Embora o faça aquelle,
A quem da Providencia a mão avára
Os mais talentos todos lhe negára.

VII.

Mas tu, que tanto o Ceo enobreceo
Desses talentos raros,
Que fiel cultivaste;
Injuriar-te fôra se louvára
Só a nobreza, que o teu sangue herdára.

VIII.

Teu grande coração, tua alma grande
Assento da verdade
Formão teu elogio:
Oh! Quem podéra com vozes mais q̃ humanas
Descrever-lhe as virtudes soberanas.

IX.

Sacrificaste os dias venturosos
Em serviço da Pátria,
E já entre os estranhos
Eregiste com todo o fundamento
Firmes padrões ao teu merecimento.

X.

Inda as tuas memorias se conservão
Lá nas margens do Tanay,
E a gloria da Nação,
Que a cançados trabalhos te obrigava,
Com ficar bem servida te pagava.

XI.

Assim desempenhando altos empregos
A que te destinárão,
Em toda a parte foste;
Até que o teu talento respeitado
O mesmo Rei quiz ter junto ao seu lado

XII.

Da tua alma se vão desenvolvendo
Talentos ignorados,
E a mesma Providencia,
Que se empenha em fazer-te venturoso,
Te vai proporcionandq ao fim ditoso.

XIII.

Cercado dos horrores dos estragos,
Os mesmos elementos
Se vão confundidos ;
Voava a morte de hum a outro lado,
Consome a chama o que ella tem deixado.

XIV.

Mas tu, constante em meio das ruinas ;
Nas sábias providencias
Com que o damno reparas,
A huns os dias vás accrescentando,
De outros os frios restos sepultando.

XV.

Dos innocentes, que seus pais perdêrão,
 Das viúvas afflictas
 O triste pranto cêssa;
 Depois que tu, com sábia providencia,
 Amparas de huns, e outros a innocencia.

XVI.

Já de novo as cabeças levantando:
 Vão os Templos soberbos,
 Das ruinas a imagem
 Apenas fica ainda na memoria,
 Para fazer maior a tua gloria.

XVII.

No ocio mollemente adormecidos
 Os ramos do Commercio
 Tu despertar fizeste,
 Adquirindo em todos os estados
 Ao Rei vasallos ricos, e honrados.

XVIII.

Quando na paz os membros descansavão
 Nada menos pensavas,
 Para os guerreiros factos
 A milicia dispuñas sábiamente,
 Dando maior poder á Lusa gente.

XIX.

As sciencias de todo abandonadas
 Brotar da sua origem,
 Teu exemplo fazia;
 Hião de novo ao mundo apparecendo,
 Como em todas as ordens se está vendo.

XX.

Fiel ás leis, que á pátria te ligarão
 Ao Rei, como vassallo,
 Bom pai, e bom amigo;
 Unindo o Ceo em ti, quanto dar póde,
 Quando sobte os mortaes seus dons sacóde.

XXI.

Viste ceder ao seu fatal destino
Teu grande protector ;
Então tua constancia
De todo o coração te abandonára ,
Se para maior mal te não guardára.

XXII.

Sahio do eixo a roda , e transtornadas
Forão tuas idéas ;
A fortuna inconstante ,
Que ás vezes zomba do merecimento ,
Te fez grande tambem no soffrimento.

XXIII.

Dos vs aduladores , numerosos
Cortejos não te seguem ;
Só da tua familia
Foste em silencio triste acompanhado
No desterro funesto , mas honrado.

XXIV.

Lá de constancia cheio, abandonando
A' vil inveja a preza,
Apenas na memoria
Os já passados annos revolvias,
E com ar de desprezo tudo vias.

XXV.

Grande na gloria, grande nos pesares,
Ao termo promettido
Chegaste sem fraqueza,
Que as almas elevadas se conhecem
No meio dos acasos que acontecem.

XXVI.

Pagaste á terra o natural tributo;
O véo da humanidade
De todo desfazendo,
Vais unir teu espirito elevado
A' causa donde tinha dimanado.

XXVII-

As idades correndo , e renovando ,
Outro igual não verão ,
Em que talentos tantos ,
Que nos mais fazem gloria , repartidos
Fossem n'hum só composto reunidos.

XXVIII

As Musas , as Sciencias , o Commercio
Benigno protegias ,
Da justiça a balança
Fizeste conservar com igualdade ,
Promovendo a geral felicidade.

XXIX.

Tua perda fatal será sentida
Em todas as idades ,
Teus mesmos inimigos ,
Teu nome em tuas obras respeitando ,
Não tuas memorias conservando.

XXX.

Curvai, cyprestes as erguidas fronte,
Cubri o monumento
Humilde, e desornado,
Que está guardando os restos preciosos
Do que será famoso entre os famosos.

AO ILL.^{MO} E EX.^{MO}

D. RODRIGO DE SOUSA
COUTINHO.

O D E

*Tu civitatem quis deceat status
Curas.*

HOR. Liv. III. Ode XXIX.

STROPHE I.

EU nunca consenti, que a minha lira
Fosse lira de Cortes,
A verdade, a só unica verdade
Soube inspirar-me o canto:
Verdade foi meu Nume; e até verdade
Cantei em meus amores.

A N T I S T R O P H E I.

Dize-o, ó Morte, dizei-o vós, ó lindas
 Affortunadas almas,
 Que gozaes das virtudes lá no Elyseo,
 Quando vos cantei bellas
 Bellas vos pregoou brado universo
 De veridigo alcance.

E P O D O I.

Vós me affinaste a lira,
 Por vós surgi Poeta;
 E os myrthos, que ainda a fronte me coroão;
 Vossas mãos os tecerão.

S T R O P H E II.

Longe, longe de mim torpe lisonja,
 Que te regeite a lyra,
 Se nunca te invoquei para os amores;
 Mais desabrido ainda
 Serei contigo para o digno prémio
 Do Varão, que ama a Pátria.

ANTISTROPHE II.

Se nobre he acaso, acaso he tor engenho,
 Ser virtuoso he tudo,
 E empregar as virtudes, os talentos
 Em ser proficuo a Pátria,
 E levar a virtude a gráo supremo
 Além da commum gloria.

E P O D O II.

Assim mo: gravou firme
 Com letras indeleveis,
 A divina Minerva, quando os passos
 Guicci ao Templo d'Honra.

S T R O P H E III.

No amor da cara Pátria toda a somma
 Das virtudes se abrange;
 Nuno Alvres, que tomou sobre seus hombros
 A defensão do Reino,
 Amou a Pátria, o Rei, e poz o curme
 A's virtudes, n'ham claustro.

ANTISTROPHE III.

Com Deos na boca , e Deos no intimo peito
 Empunhou sempre a espada ,
 Que descorou as hostes inimigas ,
 Com Deos sempre ante a vista
 Dava sãos pareceres gloriosos
 No Conselho ao Rei Luso.

E P O D O III.

Sempre c'o a Pátria em braços.
 Buscava d'ouros os perigos ;
 Olhava o Ceo , do Ceo lhe viaha a mente,
 O acerto nos discursos. .

S T R O P H E IV.

Servir a Pátria ! Oh Fama duradoira !
 Mais firme que as estattas !
 As pedras , bronzes são manjar do Tempo ,
 Dos corações dos homens ,
 Quando mana a memoria saudosa ,
 Perenne não se estanca.

ANTISTROPHE IV.

Assim corre inda agora o ignoto Nilo ,
 E correrá perenne ,
 Quando já consumidas , e enterradas
 As Piramides forem ;
 Lerá Homero os ultimos vindoiros ,
 E o Pátrio amor do Ulysses .

E P O D O IV.

Quando as pedras já gastas
 Do Sigeo monumento ,
 Nem mostrar. possão onde o féro Achilles
 Jazeu em sono eterno .

S T R O P H E V.

Eu , que bebi as aguas de Hypocrene ,
 Em largo vaso d'oiro ,
 Que sempre com as Musas me acompanho ,
 Deixo callada a lira ,
 Quando hum Varão , que tanto illustra a Pátria
 Reclama os meus accentos !

Vem e vê...
De quem...
Quem...

ESTRUC

Quem...
E c'o...
Luz...

STRUC

Elysiu lastimava, escurecia...
Seus filhos ma entregues
Aos punhas hereticas, e o...
Grangeados com...
Ganho injusto de sevos roubadetes
Na maléfica noite,

ANTISTROPHE VI.

Hoje a luz dos réverbros, que espalhão
 Novo dia nas tréyas,
 Contente a Elysia vê seus moradores
 Trilhar segura via,
 No amparo de atalayas sempre á lerta,
 Que amor da Pátria armára.

E P O D E VI.

E os Cidadãos se encontram,
 Sem que hum d'outro se tema,
 Que no traje, e na falla não se esconda,
 Quem lhe derrame o sangue.

S T R O P H E VII.

Não perde de seu preço, nem se avilta
 Do bem público o anheló,
 Que a miuda vista desce a empregos
 De não ufanos nomes,
 Colbert, Sullí não desdenhárão féros
 Lidas uteis á Pátria.

ANTISTROPHE VII.

A Pátria he grata, os Cidadãos bem louvão
 Quem fadigas lhe apouca,
 O amigo, que o molesto enfadamento
 Quer ir depôr no seio
 Do brando Amigo, não pergunta errado,
 Nem rua, nem pensada.

E R O D O VII.

Com caridosas letras
 A benefica dextra
 Do Ministro sagaz lho aponta, e encurta
 Rodeios enojosos.

S T R O P H E VIII.

Opprobrio das Nações por mal polida,
 E infectada de abusos;
 Se hoje essa altiva frente ergues ufana,
 Na Europa entre as Cidades
 Mais luzidas, á minha Clio pede,
 Que cante a quem o deves.

ANTISTROPHE VIII.

A Musa apregoará com almo agrado ,
 Que de adular contraria
 Sempre a voz , sempre a cithara tem prompta
 A celebrar sonora ;
 Quem lugar se procura com virtudes
 Na lembrança da Pátria.

E P O D O VIII

Seu brado aqui ressoa.
 Nestas longiquas terras ,
 Costumadas a ver heroes mui dignos ,
 Aos quaes tal nome ajunta.

S T R O P H E IX.

Aqui se ouve com grato acolhimento
 O nome de Rodrigo ,
 Aqui dão por feliz o Reino Luso ,
 Que tal varão possuiue ;
 E á sombra desse nome os Portuguezes
 Cobrão mais alta estima.

ANTISTROPHE IX.

Eu triste, e desvalido só desejo
 Ter mór favor das Musas,
 Para cantar tão alto o nobre Sousa,
 Que me ouça o Nilo, e o Ganges,
 E lá no seio azul baiba o Oceano,
 Que ainda ha Portuguezes.

E P O D O IX.

Que Menezes, e Nunos,
 E mil passados Sotias
 Vivem nesta vergonteza esclarecida
 De tão fecundo tronco.

Francisco Manoel do Nascimento.

A

DUARTE PACHECO.

O D E.

A Quelle, que guiado da virtude
Ao templo da suprema eternidade,
Sobe ornado da rijida constancia
- Da indornita carnagem.

Com placido semblante abre caminho
Por entre rudes sarças espinhosas,
Por escarpados rijidos rochedos
Da ingreme montanha.

Não lhe fazem torcer o firme intento
Agudes uivos de roazes lobos,
Nem dos torvos leões roucos rugidos,
Nem serpes sibilantes.

Nem ver ao ar ardendo em viva brasa
Estridentes coriscos arrojarse,
Nem ver a terra até o inferno aberta
Chamejando horrorosa.

Em vão com doce canto, e meigas vozes
 Mil sereas rissonhas lhe offerecem
 Honras, thesoiros, mundos, e privanças,
 Deleites infinitos.

Em vão lhe mostram com sagaz porfia
 Frescos jardins, palacios magestosos,
 Com opiperas mzas, rodeados
 De flores impudicas.

Pois que sem arredar da via hum passo,
 Qual se de rijo bronze o peito houvera,
 Tapa os ouvidos, cerra a tudo os olhos,
 Inteiro, e inexoravel.

Sô acha n'alma a voz da sábia guia,
 Com que a gloria dos máos lhe representa,
 Como a luz do relampago nocturno,
 Rápida, e temerosa.

Qual o alvo esplendor da sã virtude,
 Inda apesar das sombras da pobreza,
 Bem como o sol sereno, e radioso
 Vivifica, esclarece.

Saia embora do averno á luz do dia,
 De viboras coroada a torpe inveja,
 De calumnias, traições, fraudes, aleives
 Armado o peito impune.

Com a boca pestifera bafeje
 Da sua vida a candida innocencia,
 Sim póde embaciar por algum tempo;
 Porém não denegri-la.

Por meio destes risços, e contrastes,

Sempre igual na tormenta , e na bonança ,
Lá chega em fim ao cume da montanha ,
Lá goza paz eterna.

Desta tempera o inclitô Pacheco-
O nobre coração tinha forjado ,
Quando entrou pela foz do flavo Têjo ,
C'o as mãos afferrôlhadas.

Aquellas mãos , que exercitos rompentes ,
Fôites armadas , tudo desbaratão ,
E de Cochim indomitas sustentão
O vacilante Imperio.

Aquellas mãos , de quem ainda treme
A altiva Calcut , desprezadoras
D'ouro , domínios , mandos , e grandezas ,
Por ser fiéis á Pátria.

C'o mesmo rosto placido caminha
Entre duros litores conduzido ,
Qual mostrára nos tempos venturosos
Do ingrato Rei ao lado.

Ah ! Que em vão a verdade dissipando
As sombras da cruel malidicencia
Lhe espelha os giihões , e mostra ao mundo ,
Qual fôra sempre intacto.

Pois a pezada mão da desventura
De tal sorte opprimio o interior prestante ,
Que no seio da misera pobreza ●
Acaba o grão Duarte.

Elizia dura , entranhas de rochedo ,
Como assim desamparas hum tal filho ?

Por quem sobre as idades mais illustres
Alças a fronte altiva ?

Jaz Pacheco , mas seu augusto nome
A despeito da morte sanguinosa ,
E da furia cruel do voraz tempo
Será famoso , e eterno.

Sempre te chorará o Téjo , e o Ganges ,
Honrado heróe , em quanto no Universo
O lucido rebanho das estrellas
Apascentar Apollo.

O D' E.

OS toscos versos, que me pedes, Castro,
 Castro de illustre sangue, e d'alto aviso;
 O' honra desta idade, ah! to mando
 Se assim o queres

Não ousava, Senhor, mostrar-te, tinha
 Ora receio, de que em teus ouvidos
 Com tom desentoado mal soassem
 Meus rudes cantos.

Ora temia com razão pejar-te
 O tempo, que tu gastas conversando
 Os Deoses do Mondego, que vierão
 Pedir-te amparo.

Não queira o Ceo, q' assim te eu roube hũa hora
 A' alta empreza de que estás entregue;
 Dá-te todo, Senhor, aos tristes rogos,
 Que elles te fazem.

De barbaros Alanos feroz bando
 Segunda vez lá do Aquilão gelado
 Desceo sobre o Mondego, e os ferteis campos
 Talou com ferro.

Ao Padre Rio, que corria ledo,
 A rica urna de crystal lhe quebrão,
 E á sabia filha ante seus olhos pizão
 O colar d'ouro.

Tu , misera Princeza , d'aureo sceptro ,
 Que o grão Diniz te déra , despojada ,
 Rotas as regias vestes , triste atrastas
 Os duros ferros.

Tuas Ninfas c'os olhos laçrimosos
 Pelas margens do rio andão carpindo
 Os cruéis dias , que te lá trouxerão
 Tãmanho estrago.

Apressai-vos , Senhor , vinde enxugar-lhes
 Com mão piedosa as lagrimas que chorão ,
 Serenar-lhe os temores , que as traspassão
 De crua magoa.

Quaes forão já d'alto valor armados
 Os heroes de teu sangue em dura guerra ,
 Nos reinos da gemente Aurora
 O Luso mando.

Tal tu agora vai ao campo , aonde
 Tantas Ninfas te chamão , tantos Deoses ;
 Vai quebrar os grilhões , que tem captiva
 A mãe das Musas.

Seus inimigos lhe abate , ergue o teu throno ,
 E nos hombros armados de diamante
 Sustem-lhe longo tempo , em paz doirada
 O seu imperio.

Quantas cousas os fados já promettem
 De ti , ó Castro , nesta honrosa empreza ,
 Cousas , que vencem quanto illustre feito
 Os teus fizerão.

Oh ! Se eu então pudesse transmudado

No branco Cisne da soberba Thebas
As azas despregar, e erguer-te nellas
Até os astros!

Não rudes versos, como os que ora mando,
Mas sublimes canções, que espantariam
As Musas Gregas, as Latinas Musas,
De ti cantára.

Porém em vão quizeras alçar meu canto
Para voar por todo o mundo ethereo;
Dos aligeros vates não precisa
Teu grande nome.

S E X T I N A S.

I.

RAsga os Ceos o irado Jove
 C'o trisulco horrendo lume,
 E dos montes sobre o cume
 Relampeja, trêta, e chove;
 No furor da dura guerra
 Treme o ar, os Ceos, e a terra.

II.

Rompe as nuvens raio ardente;
 Que em si traz envolta a morte,
 Descarrega horrendo corte
 Dos Gigantes sobre a frente,
 E sepulta os arrogantes
 Sob montes fumegantes.

III.

Despedaça o tronco ánnoso,
 Que zombou do tempo avaro;
 Quebra os marmores de Paro,
 Faz tremer o peço undoso,
 E ameaça eterno estrago
 A Plutão no Estigeo lago.

IV.

Mas o raio, de quem treme
 Todo o assento crystalino,
 Só de hum simplice menino
 O poder, e o braço teme,
 Ninguem d'elle se defende,
 Tudo a Amor, Marcia, se rende.

V.

Não ártentes orgulhosa
 Subjugar seu vasto imperio,
 Se elle reina no Emisferio
 Chuma luz tão poderosa,
 Dá teus pulsos á cadéa,
 E offender a Amor recéa.

QUADRAS.

I.

O Nde quer que a vista errante
Volto, ó Marcia, quanto existe
Eis me mostra negro, e triste
Da fria morte o semblante.

II.

Se me alegra o claro dia,
Que nos Ceos já vem rompendo,
Já na sombra o vai volvendo
Pesada noite, e sombria.

III.

Fresca rosa, que orvalhada
Serve ao prado de ornamento,
Pouco dura, e n'hum momento
Se vê murcha, e desfolhada.

IV.

Verdes folhas, que vestirão
O copado freixo annoso,
Com o sopro venenoso
Do surdo vento cahirão.

V.

Se o Ceo limpo se mostrou,
Se brilha azul o Horizonte,
Logo a riva, e leda fronte
Pesada nùvem toldou.

VI.

Por tyranna lei da sorte
Quanto aqui vive, e respira
Sente a força, e sente a ira
Da cruenta mão da morte.

VII.

E imaginas, Marcia ingrata,
Que essa fragil formosura,
Que a meus eis se mostra dura,
Deve ser da morte intacta?

CANÇONETA.

I.

O Manto azulado
A noite estendia,
Nas praias dormia
Perguiçoso o mar.

II.

Brilhava das ondas
Sobre a face bella
A luz amarella
Do frôxo luar.

III.

No pico das rochas,
O mar sobranceiras,
Nas agoireiras
Se ouvião piar.

IV.

Tambem se escutavão
Nos curvos saveiros
Os lassos barqueiros
Em paz ressonar.

V.

Amintas sómente,
Que Tirce adorava
Amor não deixava
Jámais repousar.

VI.

Teimosas saudades
Callado soffria,
Mas já não podia
Mais tempo callar.

VII.

Queixas descuidadas
D'alma lhe fugirão,
As ondas rugirão
De ouvir seu pezar.

VIII.

- „ De mim não te escondas,
- „ Tirce desdenhosa,
- „ Vem meiga, e piedosa
- „ Meu pranto enchugar.

IX.

- „ Tu prendes mil almas
- „ Nas soltas madeixas,
- „ Se soltas as deixas
- „ Ao vento ondear.

X.

- „ Imita a brancura
- „ Do teu largo collo,
- „ Quando d'agua o rollo
- „ Se vê espumar.

XI.

- „ Eu tenho a côr bassa,
- „ As faces rugosas,
- „ As mãos já calosas
- „ De tanto remar.

XII.

- „ Prêta barba hirsuta ,
- „ Cabello empeçado ;
- „ E o rosto crestado
- „ Do vapor do mar.

XIII.

- „ De vestes grosseiras
- „ Meu corpo se cobre ;
- „ Mas tenho alma nobre ,
- „ Constante em te amar.

XIV.

- „ De mim não te escondas ,
- „ Tirce desdenhosa ;
- „ Vem meiga , e piedosa
- „ Meu pranto enxugar.

XV.

- „ Se os ares agita
- „ Dos ventos a guerra ;
- „ E indomito berra
- „ Nas costas o mar.

XVI.

- „ O barco encalhado
 „ Na praia arenosa ,
 „ Em gruta musgosa
 „ Me vou abrigar.

XVII.

- „ Daqui tu bem podes
 „ Escutar sem medo
 „ No opposto rochedo
 „ As ondas roncar.

XVIII.

- „ Nas tardes iremos
 „ Ao pégo salgado
 „ Com ferro farpado
 „ O peixe sangrar.

XIX.

- „ Verás pelas aguas
 „ A vista espalhando,
 „ As trutas pulando .
 „ Ao lunie do mar.

XX.

- „ Pois sei que dos queentes
- „ Mariscos mais gostas,
- „ As ruivas lagostas
- „ Havemos pescar.

XXI.

- „ Do Têjo enrugado
- „ No limoso fundo
- „ Coral rubicundo
- „ Te irei apanhar.

XXII.

- „ Os negros cabellos
- „ Das ondas molhados
- „ Nos hombros tostados
- „ Ver-me-has gotejar.

XXIII.

- „ De mim não te escondas
- „ Tírce desdenhosa,
- „ Vem meiga, e piedosa
- „ Meu pranto enxugar.

XXIV.

- ” Mas donde me levão
- ” Amor, e o desejo?
- ” Debalde velejo
- ” Neste incerto mar.

XXV.

- ” De ter minha sorte
- ” Propicia mudança,
- ” Tardia esperança :
- ” Só vejo raiar.

XXVI.

- ” Quando dorme, o dia
- ” De Thetis no leito,
- ” Não dorme em meu peito
- ” O negro pezar.

XXVII.

- ” Sonhos revoltosos
- ” Despertão meus zêlos,
- ” Vem mil pesadélos
- ” Minha alma abafar.

XXVIII.

- ” Se a lua rodonda
- ” No mar não se espelha,
- ” E a aurora vermelha
- ” Eu vejo assómar.

XXIX.

- ” Enquanto os mais sopráo
- ” Os buzies torcidos,
- ” Meus roucos gemidos
- ” Se espalhão no ar.

XXX.

- ” Se ás vezes intento
- ” Na sésta calmosa
- ” A rede nodosa
- ” Ao sol enxugar,

XXXI.

- ” Do peito arrancando
- ” Profundos segredos
- ” Aos mudos penedos
- ” Os vou revelar.

XXXII.

„ O zefiro brando ,
„ Que os ares bafeja ,
„ Brandamente adeja
„ Só por me escutar.

XXXIII.

„ Podem os enganos
„ De Amor desvairado
„ Hum triste acizado
„ Em louco tornar.

XXXIV.

„ Parecem-me as praias
„ Lodosas e feias ,
„ Negras as aréas ,
„ Que o sol vem doirar

XXXV.

„ Cuido se navego ,
„ Que vejo as prôcellas
„ Romperem-me as vélas
„ Os mares cavar.

XXXVI.

- „ Escuto assustado
- „ No Ceo denegrido
- „ O rouco estampido
- „ Dos raios, troar,

XXXVII.

- „ A' fróxa perguiça
- „ O corpo se avéza,
- „ Em outro a tristeza
- „ Me veio tornar.

XXXVIII.

- „ O nome hei perdido
- „ De bom marinheiro
- „ O barco ronceiro
- „ Não posso varar.

XXXIX.

- „ De mim se tem rido
- „ Palémo sincero,
- „ Quando ás vezes quero
- „ O leme guiar.

XL

„ O rumo perdendo
„ Só busco saudozo
„ O porto ditozo,
„ Que foste habitar.

XLI

„ De mim não te escondas
„ Tirce desdenhosa,
„ Vem meiga, e piedosa
„ Meu pranto enxugar.

LXII

Assim de seu peito,
Que afflicto arquejava
Amintas tentava
O fogo abrandar.

XLIII

Eis que alegre vinha
Fresca madrugada
Da noite enlutada
O véo dissipar.

XLIV.

As molles estrellas
Como envergonhadas,
Se vão desmaiadas
Do dia, occultar.

XLV.

Ao longe se avista
Por entre os reflexos
Os verdes cabeços
As serras alçar.

XLVI.

Inda o terno amante
Mais dizer queria,
E apenas podia
Triste soluçar.

XLVII.

As forças robustas
Amor lhe quebranta,
Sentio na garganta
A voz resfriar.

XLVIII.

Forão cuidadasas
As Nereides bellas
Nas humidas télas
As queixas bordar.

XLIX.

Os ares ferirão
Suspiros magoados,
E os écos quebrados
Se ouvirão soar;

L.

De mim não te escondas
Tirce desdenhosa,
Vem meiga, e piedosa
Meu pranto enxugar.

CANÇONETA.

I.

OH! Quanto és bella
Vermelha rosa
Tu me retratas
Marcia formosa.

II.

Lindo botão
Pende ao teu lado
Pelos amores
Aqui plantado.

III.

Elle de Marcia
Me pinta a côr;
É o seu amavel
Terno pudôr.

IV.

Apenas brilha
A roxa Aurora,
Logo te busca
Junto com Flora.

V.

Ellas te animão
Tão brandamente,
Como de Marcia
Eu beijo a frente.

VI.

O tempo escasso
Te vai murchar ;
Tristes idéas
Eu fui lembrar.

VII.

A minha Marcia
Tambem da morte
Ha-de sentir
O duro córte.

VIII.

Fazei-a , ó Ceos ,
Ou menos bella ,
Ou nunca a morte .
Possa vencélla.

CANÇONETA.

I.

Não temas Marcia,
Entra sem susto
Do Deus d'amor
No Templo augusto.

II.

Não te intemides
Porque o vendado
Se pinta sempre
De aljava ao lado.

III.

Amor não tem
Alma tão dura,
Que não respeite
A formosura.

IV.

Quando tivesse
Peito de féra ,
Teu lindo rosto
Brando o fizera.

V.

Entra , verás
Ligeiro bando
De mil amores
Ledo voando.

VI.

Mimozas flores
Andão colhendo
Querem grinaldas
Ir-te tecendo.

VII.

Venus deseja
Filha chamar-te ,
Paphos , e Gnido
Quer adorarte.

VIII.

O vil ciúme,
Negro furor,
Para assaltar-te
Não tem valor.

IX.

Tambem rendidos
Te adorarão,
Sua Rainha
Te chamarão.

X.

Suaves beijos,
Ternos abraços
De Marcia bella
Serão os laços.

CANÇONETA.

I.

DEitado na relva
Que hum cedro cobria,
Zombando da calma
Cupido dormia.

II.

Marilia, que a sombra
Tambem procurava,
Em brando repouso
Amor divisava.

III.

Achando que dorme
Bem diz a ventura,
E as sétas hervadas
Roubar-lhe procura.

IV.

Algumas tijado
Já tinha d'aljava,
Té que huma mais fina
Na mão lhe picava.

V.

Depressa o veneno
Nas veias lhe gira,
E já sem remedio
De amores suspira.

VI.

Ao lindo menino,
Que então acordava,
Marilia formosa
Do mal se queixava.

VII.

Vem dar-me hum remedio,
Amavel Cupido,
Que apague este fogo
Nô peito incendiado.

VIII.

O Deos lhe responde :
» A Venus procura,
» Que as chagas que eu faço
» Sômente ella cura.

CANÇONETA.

I.

Varias ervas venenosas
O travesso Amor colhia,
E de todas com cautela
Hum grande molho fazia.

II.

Ventus, que occulta espreitava
De repente lhe fallou,
E o fim da nova empreza
Cuidadoza perguntou.

III.

Amor lhe responde: „ Ha muito
17 Que intento vencer Elcido,
17 Sem que ainda hum tal triumpho
17 Fosse por mim conseguido.

IV.

- „ De quantas sétas melhores
- „ Vulcano meu pai tem feito ,
- „ Inda não abriu só huma
- „ Pequeno golpe em seu peito.

V.

- „ Quero ver se envenenando
- „ Algumas farpadas pontas
- „ Abato huma alma soberba ,
- „ E vingó tantas affrontas.

VI.

- Então a mãe com affagos
Lhe diz : „ Não temas Cupido ,
„ Em breve tempo verás
„ Rasgado o peito de Elcido.

VII.

- „ Vai nas lagrimas de Marcia
- „ Molhar algum passador ,
- „ Que os prantos de liuma bella
- „ São o veneno melhor.

CANÇÃO.

AMôres que velais em torno ao leito,
Em que ora está dormindo a minhã Alcida,
Vêde como respira tão formosa

Em doce, e brando sono;
De quando em quando dos purpúreos beijos
Se desprende hum suspiro enternecido,
Que terá ella, que suspira tanto,

Porque suspira Alcida?
Talvez lhe occupe agora seus sentidos
O seu amado Alcino; talvez sonha,
Que o tem junto a seu peito, que o tem prezo

Em seis mimosos braços,
Não a acordeis, amores, brandamente
Voai em redor della, não desperte,
Deixai-a assim dormir, gozar seus sonhos;
Seus sonhos tão formosos.

Porém se acaso a vaga fantasia
Lutando com sua alma em negro sonho
Mostrando-lhe outro objecto, de que Alcino
Perturba seus desejos;

Livrai-a, meus amores, de tal sonho,
Fazei ruido, acorde, acorde Alcida,
E trema inda innocente ter sonhado
Aduteros amores.

'A huma velha que presumia de bons olhos

EPIGRAMMA.

Que os teus olhos cada hũ foi hũa estrella
Cousa he Clori sabida,
Mas que hoje em vez de brilho tem remela
Tambem ninguem duvida.

Francisco Manoel do Nascimento.

EPIGRAMMA XIX.

DO L. I. DE MARCIAL.

TInhas, Elia, se bem me lembro agora
 Por todos quatro dentes, escarraste
 D'huma vez c'o tossir dois dentes fóra,
 D'outro tossir os outros dois lançaste,
 'A'osse sem susto, que ainda que arrebetes,
 Já não has de escarrar mais outros dentes.

O mesmo.

IDYLLIO.

Voai, ternos suspiros,
 Voai nas azas dos ligeiros ventos
 Ide contar a Marcia que tormentos
 Soffre minha alma aqui nestes retiros.
 Suspiros lacrimosos,
 Enchei-lhe de piedade os seus ouvidos,
 Arrancai-lhe do peito mil gemidos,
 Dizei-lhe, que cercado de agonia
 Vivo aqui nesta selva escura, e fria.
 Acompanhai meus ais, olhos saudosos,
 Vertei copiosas lagrimas, vertei
 Estes amenos prados delectuosos
 Agora humedecei.
 O' flores delicadas
 De meu saudoso pranto hoje banhadas,
 Se para vos colher
 Alguma madrugada aqui vier,
 Essa forniosa Ninfa, que me adora,
 Dizei-lhe, que o orvalho crystallino
 Não he da roxa Aurora
 He dos olhos de Ulino,

Dizei-lhe, claras fontes,
 Que as aguas destes montes
 Vossa clara corrente não turbou;
 Mas, que forão as lagrimas, que a dôr
 Dos olhos arrancou
 Ao seu fiel Pastor.

Amantes rouxinoes, que enterneceis
 Com vossas queixas meu afflicto peito,
 Dizei-me, tristes aves, se fazeis
 No coração de Marcia o mesmo effeito,
 De Marcia, por quem vivo, a quem adoro,
 Por quem são estas lagrimas, que choro.
 Mas onde me detenho?

Não foi nestes lugares que gozei
 Já nos braços de Marcia mil agrados?
 Não foi entre estes alamos copados,
 Que a delicada face lhe beijei?
 Não forão estes campos venturozos
 Que alegre já pizei com Marcia amada?
 Não foi aquella fonte prateada,
 Que via os nössos prantos amorozos?
 Ah! Funestas imagens, quantos ais
 Como lagrimas do peito me tirais!

Guiai-me, meus cordeiros,
 Vamos buscando agora outrós outeiros
 Onde a vida alimente
 De lagrimas, de dôres, de suspiros.
 Fugamos desta horrivel solidão,
 Que tanto me atribula o coração.

Mas ah! Que louco sou!
Eu triste aonde vou?
Sem razão, sem sentido, em angia tal!
Se a qualquer parte em fim aonde fôr
Háde o tyranno Amor
Levar com sigo a causa do meu mal.

A' IMMACULADA CONCEIÇÃO

D E

MARIA SANTÍSSIMA

SENHORA NOSSA

O D E.

AH! Longe, longe deste fertil monte
A's Musas consagrado, indocil vulgo,
 Vulgo profano,
A cujo rude espirito não move
O sagrado furor, que nos transporta,
 E vós, almas sublimes,
A que inspira o sincero amor das Musas,
Atenção, que hoje intento em novo estilo
 Tocar a agreste fruta;
Sinto, sinto elevar-se pouco a pouco
O meu humilde engenho. Em outra especie
 Mudar-me vejo.
Ah! Já não sou aquelle rude Elpino
Pastor da bella Arcadia! Estes os campos
 Não são do claro Alfeio.
Onde está Melibeu? Onde a cabana

Do guardador Albano ? Onde Sireño ?

Montano, e os mais Pastores ?
Hum occulto poder da humilde terra,
Suavemente me eleva a minha frauta
Em som mais alto,

Qual harmoniosa trompa rompo o vento,
Até o ar que respira he mais sereno

Do que entre as densas nuvens.
Em vôo, eu vôo, e em circulos velozes
Aguia do Sol ás luzes me remonto,

Mas que vejo, oh Ceos ! Que horrída serpente
Naquelle inferior globo se sustenta ;

Ai que de mórtes
Entre os seus habitantes semeando,
Está o horrível monstro ; huas entre as garras
Furioso despedaça,

Outros devóra, e ainda palpitando
No immundo ventre encerra, outros estala
No vinculo que tõe

Com a volúvel cauda, e aos mais distantes
Com o ar, que infeciona respirando
Miseramente mata.

Em todo, em todo o globo se derrama
O seu mortal veneno ; em toda a parte
Arde o contágio,

Que lastima ! Não ha quem lhe resista,
Tristes mortaes não ha quem vos soccorra,
Quem de vós se entérneça ?

As que brilhante luz, qual a da Aurora
 ia fresca madrugada lá do Oriente

Pouco a pouco apparece.

Oh Ceos! ó nunca vista maravilha!
 Uma pura mulher toda vestida

Do Sol brilhante,
 e lucidas estrellas coroada,
 isando a branca lua, he quem espalha

A luz pura, e formosa;
 á com seus raios o ar se purifica,
 É como com o sol a densa nevoa,
 Se desfaz o contagio.

Oh! Que formosos passos, que vem dando!
 Toda de graça cheia! A' sua vista

O Dragão féro
 Da escamosa cabeça as grossas conchas
 torrendamente erissa, os olhos tinge

Dê negro immundo sangue,
 Das entranhas respira hum vivo fogo,
 Que abrasando o contorno o deixa cheio
 De alitos venenosos.

Ah! Que contra a bellissima donzella,
 Temo de horror! furioso se arremessa
 Para tragá-la:

Já sobre o meio corpo se levanta,
 C'o a cauda o ar açoita, e assobiando
 Vibra a farpada lingua:

Já, já para enredá-la em largos giros

Humas vezes estende, outras enrosca
O corpulento vulto.

Mas em vão, mas em vão serpe enganosa
Aspiras á victoria, em vão te canças,

Que a mulher forte,
Qual o guerreiro exercito ordenado
Terrível te resiste. Ah já lhe cedez?

Já lhe deixas o campo?
Já foges? Já te segue, já te alcança,
E na torpe cabeça victoriosa

Te impriene a sacra planta.
Valorosa mulher, tu só pudeste (res...
Triunfar do horrendo monstro; os teus louvo-

Mas que sonoras
Vozes no ar se dilatão! Que vistoso
Admiravel objecto absorto vejo;

De espiritos celestes,
De esmeraldas coroados, e diamantes;
Hum brilhante esquadrão em torno a cerca
Batendo as azas de ouro.

Huns sobre ella derramão ás mãos cheias
Humna nuvem de flores: outros cantão
Acordemente

Ao grato som de varios instrumentos
O seu triumpho. Oh bemdita entre as mulheres
Exaltada na Terra,

Qual no Libano o cedro junto d'agoa,
Ou platano frondoso, ou qual nos campos

A formosa oliveira.
Entre as filhas de Adão, qual entre espinhos
O puro e branco lilio resplandeces
Toda sem mancha:
Tu dos Córos Angelicos és honra:
Tu do Empirio alegria, e da triunfante
Jerusalem és gloria:
Vem ó flor de Jessé nova Rainha,
Esposa do Senhor serás coroada
De palma, e de assucenas.
Mas que he isto! Eu estou na nova Arcadia!
Este he o Mundo! E estes os Pastores!
Quem de repente
Entre vós me poz? Como neste dia
Inda em silencio estais? Toca Mirtilo
Toca a sonora lira,
Tu Coridon tambem, que as tuas vozes
Farão parar de Alleio as frescas agoas,
E a musica das aves.

Antonio Diniz da Cruz e Silva.

DITHIRAMBO

BAcho imberbe , Bacho ardente ,
 Porta-somno , prazer , e alegria ,
 De nocturnos festejos o guia ,
 Que refrescas , aqueces a gente
 Fria e quente ;
 Desse cume peregrino ,
 Que ao teu nome he consagrado
 Soltá hum rio arrebatado ,
 Espumoso ,
 E cheiroso ,
 De purpureo , ou branco vinho ,
 Onde beba os teus furores ,
 E qual o trovão ,
 Que os montes abala ,
 Quando a nuvem prenhe
 Rasgando-se estala ,
 Cante a Arcadia , e seus pastores
 Deste dia altos louvores .
 De Agamppe assaz na fonte
 Já molhada tenho a boca ;
 Agoa pura
 Não provoca
 A cantar ,

A bailar ,
 E a saltar
 Como a lucida tintura
 Dessa planta , que enroscada
 Trazes na mitrada
 Cornigera fronte.
 Eia , eia , que o monte
 De vento se enche , se innunda , e se alaga.
 Licor almo , e generoso ,
 Rubim puro , ambar desfeito ,
 Com que gloria , com que gozo
 Em ti banho a boca , e peito.
 Athes , Hyes ,
 Hyes , Athes ,
 Viva , viva o dia
 De tanta alegria.
 Oh ! Se eu pudéra ,
 Em boca , e lingua
 Todo tornar-me ,
 Se por fartar-me
 Deste elixir
 Então Dioneo
 Na tenaz terra ,
 Ou no Idomeu
 Cedro oloroso
 Teu gordo vulto .
 Lavrára , erguéra ,
 E por mais realçar os teus adornos
 Na soberba ara

Os brancos cónos
 Em puro ofir
 Eu te curvára.
 Doce elixir,
 Que as almas purgas
 De espectros tristes,
 Que triste gera
 A pallida, e voraz Melancolia,
 Vem neste dia
 Dobrar da Arcadia
 A pura alegria.
 O' suave dia, dia venturoso,
 Em que o teu mimoso
 Coridon nasceo.
 O' grão Bassareu,
 Athes, Hyes,
 Hyes, Athes,
 Viva, viva o dia
 De tanta alegria,
 Dia, que os saltantes,
 E capri-barbuços,
 Cornipedes, Satyros,
 C'o as ebri-festantes
 Lascivas Bassáridas
 De prazer saltando,
 Pelas montanhas alegres cantarão,
 E de quando em quando
 Gritando,
 Bramando,

Assim repetição :
 Saboé Arcadia ,
 Arcadia Evohé ,
 Já o teu Coridon nascido he ,
 E que bella se derrama
 De alegria ardente chama
 Do Erimantho nas florestas ,
 Pelas bocas das cavernas ,
 Em echos festivos sonoros respondem
 Os montes soberbos de Arcadia famosa
 Aos golpes , que os ferem ,
 De lyras suaves ,
 De tympanos graves ,
 De sistros agudos ,
 De Crótolos duros ;
 Ah ! Sim cáros Pastores ,
 Brilhe , brilhe a alegria
 Coroemo-nos de flores
 Cantemos suavemente o grande dia ,
 Que a Arcadia nos traz tanta alegria ,
 Dia que trouxe
 Rosado ao mundo
 O bom Coridon ,
 Coridon , que jocundo
 As antigas ,
 Esquecidas
 Mascaras carcomidas ,
 Animoso tomando ,
 E entre o hirsuto capri-saltante Còro

O Genio do Museu.

S O N H O.

C Ançado de lutar o pensamento
 Com mil varios objectos, que humas vezes
 Medonhos no semblante me aterravão,
 Outras todos alegres, e vestidos
 Das bellas côres, que pomposos trajão,
 Lisongeiras vaidosas esperanças
 Mil fabulosos bens me promettião.
 A hum suavissimo sono pouco e pouco
 Os sentidos entrego, e breve espaço
 Os lossos membros repousado tinhão,
 Quando movêndo a leve fantasia
 Mil confusas imagens, me apresenta
 Hum galhardo mancebo, que librado
 Sobre pintadas plumas rompe o vento,
 Na cabeça trajava por turbante
 De ricas pedras marchetado buzio,
 No qual apavonada borboleta
 A miudo batendo as subtis azas,
 Em vez de airão servia de remate:
 Huma gorgeira de esmaltadas pennas
 O collo lhe cercava, e nella em partes

De prata, de oiro, e cobre cem medalhas
 De famosos Heroes pendentes tinha,
 N'huma das mãos trazia hum grande molho
 De varias hervas, de diversas flores,
 N'outra hum fruteiro de metaes diversos
 'Todo lavrado; pois ao mesmo tempo
 Entre o cobre, o latão, o chumbo, o estanho
 Brilhar se vião nelle a prata, e o oiro,
 Em seu seio mostrava em longa cópia
 Feixes, plantas, coraes, plantas, e ossos
 Em duras pedras todos convertidos;
 Antigos Camafeos de oiro cercados
 Os dedos lhe cobrião, e a cintura
 De grossa pelle de manchada cobra
 Lhe apertava em mil voltas larga facha;
 Em vez de aureo cothurno, finas pelles
 De estranhos animaes calçava airoso,
 Que variadas flores guarnecião
 De ricas perlas, preciosos fios.
 Admirado da grande formosura,
 Que no rosto lhe brilha mais que tudo,
 Do fausto estranho, que em seu traje via,
 Atonito fiquei por largo espaço,
 Quando soltando a voz, assim me falla
 O mancebo gentil. „ Se pelo rosto,
 „ Pelo gesto, figura, pompa, e traje
 „ O rustico mortal me não conheces,
 „ Ouve, sabe quem sou; eu sou o Genio,
 „ Que sobre o teu Muzeo attento véla,

„ Que invisível o cerca , que o protege ,
 „ Que cuida em augmentá-lo , e enriquecê-lo ,
 „ Para este fim rompendo a opaca nuvem ,
 „ Que a teus olhos me esconde , a advertiu-te
 „ de taes deseuídos , vigilante venho .
 „ Como esperas Elpino , que elle cresça
 „ Das ricas producções da Natureza ,
 „ Ou nas que déstra mão de antigo mestre
 „ Subtilmente lavrou , que esconde o tempo
 „ Da munda terra no profundo seio ,
 „ E que a mão favoravel do destino
 „ Mil vezes aos mortaes descobre , e mostra ,
 „ Se ingrato aos beneficios as esqueces ?
 „ Ricas medalhas , exquisitas conchas
 „ Mão liberal te envia , e tu não curas ,
 „ Nem ao menos se quer-de agradecê-las ? „
 Aqui chegava , quando hum grão ruído
 De meus olhos espanta o leve somno ,
 Mas que impressa me fica na lembrança
 Do gracioso sonho toda a historia ,
 Doutissimo Sachete ! Tu , que o tempo
 Em continuas vigalias sobre os livros
 Utilmente gastando , tanta fama
 Ao teu nome tens dado ao alto estudo ,
 Que eternisa de Cós a antiga gloria ,
 Que aos mimozos mortaes , da fraca vida ,
 Ou estendes o fio afugentando
 De seus membros a pállida doença ,
 Ou de seus males a tyranna força

Suavemente modéras, tu bem sabes
 Que dos sonhos o alvergue caprichoso
 Duas tem entre si diversas portas,
 Diversas na materia, e serventia,
 Que de branco marfim huma he talhada,
 Outra da curva ponta, que guarnece
 Ao roubador da Europa a fronte altiva,
 Que pela cornea sahem os verdadeiros,
 Se pela eburnea vem os fabulosos;
 Este que acabo agora de pintar-te,
 Pela cornea os Ceos creio me mandarão
 Para pagar-te, para agradecer-te,
 Inda que tarde os dons com que me honraste,
 Mas com que póde hum misero Poeta
 Beneficios pagar senão com versos;
 Versos pois te remetto, e tu, que as plantas
 Longe da estrada do ignorante vulgo
 Estampas felizmente; recebê-los
 Com rosto alegre debes, pois conheces
 Dos versos todo o preço, e que só elles
 Das voragens do Lethes salvar podem
 Nos seculos futuros nossos nomes.

O mesmo.

O D E

A FILINTO.

Filinto, ah meu Filinto, jaz enfermo
 O teu querido Alfeno, atassalhado
 De dois cruéis galfarros famulentos,
 Que querem devorá-lo,
 Hum delles frio mais, que o géllo alpino,
 Aos lassos bófes tão tenaz se afferra,
 Que em vão, pelo expellir, lidão, e suão
 Em convulsos arrancos:
 Em quanto o outro, como fragoa ardente,
 Com rapidez girando pelas veias,
 Me faz passar os dias dormitando,
 Em continuas modorras.
 Mas de noite, roubando somno aos olhos,
 Na phantasia ao vivo me debuxa
 Centauros, Geryões, Hydras, Quiméras,
 E monstros mil iiformes,
 No meio destes males lastimosos,
 Em trajos de viuva encapellada,
 Tirando a rojo os lugubres vestidos,
 Entra a Melancolia.
 E vagarosos passos se encaminha

Para o leito , a miudo bocejando ;
E , cravados em mim os tórvos olhos ,
Se assenta á cabeceira.

Alli tres vezes , com as mãos de chumbo ,
Me aperta o coração ; depois tres vezes
O macilento rosto me bafeja

C'ó a verde-negra bocca
A' medida que em mim lava o veneno ,
Em frias bagas de suor me banho ;
Espessas trévas subito me embrusção.

A fraca , errante vista.
Fóge-me a Alegria , as doces Musas
Me fogem de tropel , espavoridas
Da horrenda catadura desta bruxa ,
Que entre dentes praguejão.
Corre , corre , Filinto , ao teu Alfeno :
Vem livrá-lo do monstro sanguinoso ,
Que as entranhas lhe chupa sibundo ,
Qual tenaz sanguisuga.

Não de rigidas malhas revestido ,
Ou de cotta de laminas seguras ,
Com luzente murrião , escudo , grévas ;
Brandindo a grossa lança.

Não se espanta de vêr tanta ferragem ,
Quem he do alvergue do furor Porteira ,
Quem entra a tenda do Tyranno intruso ,
Por entré armadas filas.

Mas armado de saes , facécias , chistes ,
Na cabeça por elmo hum Alfarache ,

Hum Gil Blaz por pavez, ou grão Tscanho
Por lança hum Dorn Quixote.
Nem te esqueça trazer (por mör cautéla)
De Ferrabras o balsamo bendito
Aquelle, que na *Venda* ao pöbre Sancho,
Fez vomitar as tripas.
Apenas te avistar, véla-has bramindo,
Discorrer rabeando pela sala;
Té, que estourando com fragor horrendo,
Se solte em negro fumo.
Quando estes rudes versos te escrevia
Longe de mim vagava a voraz furia...
Ei-la que chega, oh Ceos! Sumamos tudo,
Antes que deste o luzio.

ALFENO CYNTHIO.

Q U A D R A.

Abre este peito constante
Verás o nosso retrato ,
He todo meu por amante ,
He toda teu por ingrato.

G L O S A.

I.
INda que és por genio impia .
Filis suspende o rigor ,
Pois ás vezes faz amor
Abrandar a tyrannia ;
Lembra-me que eu algum dia
Te achei menos inconstante ,
E se duvidas que amante
Sou com firme gratidão ,
Para ver meu coração
Abre este peito constante.

II.
Abre o peito , e sem demora
Acharás, bella homicida,
Huma cópia tua unida
Ao coração que te adora ;
Abre o peito , e tira fóra
Esse objecto amante , e grato ,
E se do rigor no trato
Vires hum cheio de abrolhos ,
He meu , não teu , põe-lhe os olhos . . .
Verás o nosso retrato ,

III.

Não duvides que eu absorto,
 Fino leal, e excessivo
 Pintei teu retrato ao vivo
 Junto ao meu de amores morto;
 Este, que vês sem conforto,
 Com magoado semblante
 Todo terno, e vacilante,
 A mim todo equivocado,
 Foi parte teu por amado,
 He todo meu por amante.

IV.

Vê qual delles te enamora
 Dos dois retratos, ingrata,
 Se o vivo pelo que mata,
 Se o morto pelo que adora;
 Bem sei que hum delles, traidora,
 Te será muito mais grato;
 Vê bem que o morto retrato,
 He todo meu por fiel,
 E que esse vivo, e cruel
 He todo teu por ingrato.

Q U A D R A .

Queira o Ceo tyranna , e ingrata ,
 Já que me pagas tão mal ,
 Que o primeiro a quem adores
 Nunca te seja leal .

G L O S A .

I.

AH! tyranna , e Yementida ,
 O Ceo me vingue de ti ,
 Já que rendido te vi
 Tão bella , como fingida ;
 Teu genio me tira a vida ,
 Quando com desdens me mata ,
 Se acaso te mostras grata ,
 Logo no engano discorro ,
 Que saibas do mal que eu morro ,
 Queira o Ceo tyranna , e ingrata .

II.

O Ceo te castigue , e Amos ,
 Já que perjura , e sem lei
 Sempre féra te encontrei ;
 Penitente no rigor
 Eu procuro o teu favor
 Com affecto sem igual .
 Tu mo negas desleal ,
 Por mais que o merito cresça ;
 Por fim Amor te aborreça ,
 Já que me pagas tão mal .

III.

Busque Amor hum novo invento,
 Para seres despresada
 Daquelle, que mais te agrada;
 Porque, saibas meu tormento,
 Geral aborrecimento
 Exp'rimentes onde fores,
 E por mais que afflicta chores
 Teu desprezo, em lanças tais,
 Nenhum te aborteça mais,
 Que o primeiro a quem adores.

IV.

Quando te vires ferida
 Sentindo de Amor a chaga,
 Consigas, cruel, por paga
 De amar, ser aborrecida;
 Quando fores possuida
 De hum affecto raro e tal,
 Que não possa ter igual;
 Quem deste fór o motivo,
 Além de te ser esquivo,
 Nunca te seja leal.

FIM DO TOMO II.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273

274

275

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

286

287

288

289

290

291

292

293

294

295

296

297

298

299

300

301

302

303

304

305

306

307

308

309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

320

6 - 6

11/27



